

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
CURSO DE RELAÇÕES PÚBLICAS

RODRIGO VAZ DA SILVA

“Ame cada corpo”

As percepções de corpo e performatividades da sexualidade de pessoas com deficiência a partir da perspectiva da produtora e dos consumidores dos conteúdos gerados no perfil

@janeladapatty no Instagram

PORTO ALEGRE

2022

RODRIGO VAZ DA SILVA

“Ame cada corpo”

As percepções de corpo e performatividades da sexualidade de pessoas com deficiência a partir da perspectiva da produtora e dos consumidores dos conteúdos gerados no perfil @janeladapatty no Instagram

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Relações Públicas.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina Cypriano Pereira

PORTO ALEGRE

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Silva, Rodrigo Vaz da
"Ame cada corpo" - As percepções de corpo e
performatividades da sexualidade de pessoas com
deficiência a partir da perspectiva da produtora e dos
consumidores dos conteúdos gerados no perfil
@janeladapatty no Instagram / Rodrigo Vaz da Silva. --
2022.
88 f.
Orientadora: Ana Cristina Cypriano Pereira.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Relações
Públicas, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. pessoa com deficiência. 2. corpo. 3.
sexualidade. 4. redes sociais. 5. Instagram. I.
Pereira, Ana Cristina Cypriano, orient. II. Título.

RODRIGO VAZ DA SILVA

“Ame cada corpo”

As percepções de corpo e performatividades da sexualidade de pessoas com deficiência a partir da perspectiva da produtora e dos consumidores dos conteúdos gerados no perfil @janeladapatty no Instagram

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Relações Públicas.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Ana Cristina Cypriano Pereira - UFRGS
Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Denise Avancini Alves - UFRGS
Examinadora

Prof. Dr. Rudimar Baldissera - UFRGS
Examinador

AGRADECIMENTOS

Foi um caminho longo e tortuoso até que eu chegasse à conclusão deste trabalho. Noites sem dormir após dias estressantes de trabalho e aula, horas em frente ao computador, pilhas de livros, dores, muitas dores no corpo, férias resumidas a isso, muito choro e muito orgulho também. Não gosto de palavras meritocratas ou vitimistas, mas só eu sei o quão difícil foi chegar até aqui e agradeço, ao universo e aos meus guias, por ter chegado.

Em seguida agradeço ao meu noivo, Luan, por ser o meu braço direito, e às vezes o esquerdo e a cabeça também. Obrigado por estar ao meu lado nos últimos três anos e viver comigo, dentre tantos outros momentos, a escrita deste trabalho, das primeiras palavras até as últimas noites em claro revisando cada trecho. Te amo muito, obrigado por caminhar ao meu lado e ser meu coração fora do peito!

Agradeço também à minha família que me incentivou desde o momento da decisão de cursar uma segunda graduação, mesmo as vezes não entendendo meus surtos e devaneios. Obrigado, Bruno, pelas diversas dicas acadêmicas e profissionais e por dividir inclusive o teto quando mais precisei; Michele, por instigar minha curiosidade desde pequeno com livros, notícias e experiências e por ser meu exemplo de comunicadora; Gabi e Giu, por serem as melhores irmãs mais novas e, mesmo sem entender muito, me apoiar sempre; Eloísa, pelos lanchinhos, almoços, puxões de orelha e carinho que trazia em cada visita e cada abraço; pai, por todo o incentivo, mesmo de longe; e principalmente, obrigado, mãe, por ser meu eterno e principal porto seguro de carinho e amor.

Gostaria de fazer um agradecimento muito especial também à toda comunidade acadêmica, em específico aos meus professores, os quais represento aqui pelos maravilhosos Denise Avancini, Rudimar Baldisera, Laura Wottrich, Ana Karin Nunes, Helenice Carvalho, Elisangela Lasta, Alexandre Rocha (*in memoriam*) e minha amada orientadora Ana Cypriano, que me manteve de pé do início ao fim desse trabalho. Vocês marcaram minha trajetória acadêmica e mais do que isso, tornaram-se grandes amigos que levo para a vida.

Agradeço aos meus melhores amigos, que aceitaram as faltas em encontros sociais, aguentaram todas as vezes em que eu insistia em trazer o tema TCC para a conversa e nunca me deixaram desistir desse sonho, seja com abraços calorosos no corredor da FABICO, mandando docinhos de incentivo ou ouvindo meus lamúrios e reclamações. Bruna, Mariana,

Nicolý, Carla, Dora, Isabelle, Marina, Leticia, Sofia e Miguel, obrigado por serem amigos incríveis e essenciais!

Deixo um agradecimento muito especial à Patty, minha musa inspiradora! Obrigado por existir, por ouvir, por comunicar, por dar voz e por ser voz. Seu trabalho é incrível, nunca duvide disso. Obrigado pelo tempo dedicado a esta pesquisa, fornecendo todas as informações necessárias. Saiba que sempre terá um grande admirador do lado de cá da janela!

Por fim agradeço a Universidade Federal do Rio Grande do Sul como um todo por me proporcionar esses anos de estudo e me ensinar o significado de luta e resistência por educação, cultura, pluralidade, acessibilidade e diversidade. Deixo aqui a minha promessa de retornar à sociedade brasileira esses valores.

“Hoje eu só vim agradecer por tudo que Deus me fez. Quem me conhece sabe o que vivi e o que passei, o tanto que ralei pra chegar até aqui. E cheguei, cheguei...”

(Iza)

RESUMO

Esta pesquisa visa debater as relações e atravessamentos entre as temáticas de sexualidade, corpo e deficiência aplicadas ao campo dos sites de redes sociais. O objetivo principal do estudo é compreender as possíveis interferências da geração de conteúdo sobre sexo e deficiência no Instagram na percepção de corpo e performatividade da sexualidade de pessoas com deficiência, a partir da perspectiva da criadora de conteúdo e do público do perfil @janeladapatty. Tem como objetivos específicos: (a) investigar a percepção da criadora do perfil sobre a temática de sexualidade e percepção de corpo de pessoas com deficiência; (b) analisar a produção de conteúdo do perfil sobre corpo e sexualidade; e (c) investigar pontos de contato entre o conteúdo publicado e a percepção do público e da criadora do perfil sobre a sexualidade/corpo de pessoas com deficiência. Para isso utiliza a metodologia de triangulação de métodos de Johnson (2010), com foco nas técnicas de observação simples, entrevista em profundidade, análise de conteúdo e pesquisa bibliográfica, orientados por Gil (2008), Duarte (2005), Bardin (2011) e Stumpf (2005), respectivamente. Este levantamento definiu as teorias que foram utilizadas para análise, onde se destacam Foucault (1988), Louro (2013) e Butler (2010) para debater corpos, sexualidade, gênero e Teoria Queer; Diniz (2007), Piccolo (2012), Alves (2020) e Marco (2020), para tratar dos modelos teóricos da deficiência e capacitismo; e por fim, Recuero (2014), Primo (2011) e Thompson (2002) para analisar as redes sociais e interações na internet e formas de intimidade e produção do *self*. Com isso, constatou-se a importância da produção de conteúdo no Instagram sobre corpo e sexualidade de pessoas com deficiência para a formação e empoderamento destas, tendo as interações sociais como principal base de construção de relações entre os atores dessa rede.

Palavras-chave: pessoa com deficiência; corpo; sexualidade; redes sociais; Instagram.

ABSTRACT

This research aims to discuss the relationships and crossings between the themes of sexuality, body and disability applied to the field of social networking sites. The main objective of this study is to understand the possible interferences of content generation about sex and disability on Instagram in the body perception and performativity of people with disabilities sexuality, from content creator's perspective and @janeladapatty profile's audience. Its specific objectives are: (a) to investigate the profile creator's perception of the theme of sexuality and people with disabilities' body perception; (b) analyze the profile's content production on body and sexuality; and (c) investigate points of contact between the published content and the public's and profiler's perception of the sexuality/body of people with disabilities. For this, it was used Johnson's (2010) triangulation methodology, focusing on simple observation techniques, in-depth interview, content analysis and bibliographic research, guided by Gil (2008), Duarte (2005), Bardin (2011) and Stumpf (2005), respectively. This survey defined the theories that were used for analysis, including Foucault (1988), Louro (2013) and Butler (2010) to discuss bodies, sexuality, gender and Queer Theory; Diniz (2007), Piccolo (2012), Alves (2020) and Marco (2020), to address theoretical models of disability and ableism; and finally, Recuero (2014), Primo (2011) and Thompson (2002) to analyze social networks, internet interactions and forms of intimacy and production of the self. With this, it was verified the importance of producing content on Instagram about the body and people with disabilities' body and sexuality for their training and empowerment, with social interactions as the main basis for building relationships between this network's actors.

Keywords: people with disabilities; body; sexuality; social networks; Instagram.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Aparência do perfil @janeladapatty no Instagram.....	49
Figura 2 - Menu de links do perfil @janeladapatty no Instagram.....	49
Figura 3 - Publicações fixadas no perfil @janeladapatty no Instagram.....	50
Figura 4 - Publicação com o assunto relacionamento sexual e/ou amoroso de pessoas com deficiência.....	63
Figura 5 - Compilado de comentários feitos na publicação sobre relacionamento de pessoas com deficiência do dia 10 de maio.....	65
Figura 6 - Comentário de usuária feito na publicação sobre relacionamento de pessoas com deficiência do dia 10 de maio.....	66
Figura 7 - Publicação com o assunto empoderamento sexual de pessoas com deficiência.....	66
Figura 8 - Compilado de comentários feitos na publicação sobre empoderamento sexual do dia 9 de março.....	68
Figura 9 - Publicação com o assunto paternidade/maternidade de pessoas com deficiência.....	69
Figura 10 - Compilado de comentários feitos na publicação sobre paternidade/maternidade do dia 29 de janeiro.....	71
Figura 11 - Publicação com o assunto sedução e desejo.....	72
Figura 12 - Compilado de comentários feitos na publicação sobre sedução e desejo do dia 7 de janeiro.....	74
Figura 13 - Publicação com o assunto devotismo.....	74
Figura 14 - Compilado de comentários capacitistas feitos na publicação sobre devotismo do dia 22 de junho.....	76
Figura 15 - Compilado de experiências relatadas na publicação sobre devotismo do dia 22 de junho.....	77
Figura 16 - Compilado de dúvidas expostas na publicação sobre devotismo do dia 22 de junho.....	77

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 CORPO E SEXUALIDADE.....	16
2.1 UM BREVE HISTÓRICO E UMA CONCEITUALIZAÇÃO SOBRE CORPO.....	16
2.2 CONCEITOS E HISTÓRICOS DA SEXUALIDADE.....	18
2.3 OS CORPOS E SEXUALIDADES “INADEQUADOS”.....	22
3 AS TEORIAS SOBRE DEFICIÊNCIA.....	26
3.1 O MODELO SOCIAL DA DEFICIÊNCIA.....	26
3.2 A TEORIA CRIP E AS CRÍTICAS AO MODELO SOCIAL.....	30
3.3 ENTENDENDO O CAPACITISMO.....	33
4 REDES E INTERAÇÕES SOCIAIS.....	36
4.1 A EVOLUÇÃO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL ATÉ A MÍDIA DIGITAL.....	36
4.2 SITES DE REDES SOCIAIS E TIPOS DE INTERAÇÕES.....	40
5 OLHANDO ATRAVÉS DA JANELA DA PATTY.....	45
5.1 CONSTRUINDO OLHARES.....	45
5.2 ABRINDO A JANELA.....	47
5.3 OLHANDO PARA O LADO DE DENTRO.....	52
5.4 BUSCANDO O LADO DE FORA.....	58
6 ABRINDO OUTRAS JANELAS.....	79
REFERÊNCIAS.....	82
APÊNDICE A - AUTORIZAÇÃO DE UTILIZAÇÃO DE INFORMAÇÕES.....	86
APÊNDICE B - ROTEIRO DA ENTREVISTA.....	87

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está fundada sobre as temáticas de sexualidade, corpo e deficiência e nas relações e atravessamentos entre estas, principalmente quando inseridas no contexto da comunicação digital, em específico nos sites de redes sociais como o Instagram.

É importante registrar algumas definições legais sobre deficiência e quem são consideradas pessoas com deficiência, embora esta pesquisa não tenha por objetivo debater a legislação, mas a opressão e o capacitismo¹ da sociedade atual. Segundo a Lei nº 13.146/2015 Art. 2º, considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (BRASIL, 2015). Portanto, para esta pesquisa foram utilizadas as nomenclaturas definidas nesta lei, que justificam o uso do termo Pessoas com Deficiência (PcD).

Dito isso, pode-se afirmar que acessibilidade e inclusão sempre foi uma pauta presente na vida do pesquisador deste trabalho, e neste momento pede-se licença às convenções para que se apresente a **justificativa** pessoal. Desde pequeno convivo com minha prima, que é pessoa com uma deficiência física, usuária de cadeira de rodas, jornalista e escritora. Aos poucos fui descobrindo que a sociedade que cresci é uma difusora do preconceito com pessoas com deficiência e que, aquilo que eu havia aprendido em casa sobre acessibilidade, vai muito além da falta de rampas, calçadas seguras e ensino da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) nas escolas. Ainda em tempo, compreendi que esse preconceito se denomina capacitismo. Ao longo da graduação em comunicação, ao debater esses temas, e principalmente ao cursar a disciplina de Seminário de Inclusão, Acessibilidade e Comunicação, reparei que sempre vi minha prima como uma pessoa assexual, como se não fizesse parte da realidade dela ter relacionamentos afetivos e/ou sexuais, me gerando incômodo e autocríticas a respeito do capacitismo contido neste pensamento. A partir disso, surge uma motivação pessoal para pesquisar sobre esta temática e compreender porque ainda existem esse preconceito e desinformação com relação à sexualidade de pessoas com deficiência.

¹ O conceito de capacitismo será discutido no terceiro capítulo.

Partindo para uma premissa social, busca-se, também, compreender a importância dos estudos sobre pessoas com deficiência, em específico sobre a sexualidade e afetividade destas. Segundo matéria de Janone e Almeida (2021), na CNN Brasil, com base em pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), feita em 2019, mais de 17 milhões de brasileiros possuem algum tipo de deficiência. Aproximadamente 3,8% da população apresenta deficiência física nos membros inferiores, enquanto 2,7% das pessoas a têm nos membros superiores. Já 3,4% dos brasileiros possuem deficiência visual, 1,1%, deficiência auditiva e 1,2% têm deficiência intelectual (JANONE; ALMEIDA, 2021). A partir desses dados é possível compreender a diferença entre tratar esse grupo como uma minoria ou como um grupo historicamente minorizado. Quando estende-se esta análise para as relações interpessoais, presume-se que boa parte dessas pessoas têm ou terão algum tipo de relacionamento afetivo e/ou sexual durante a vida, mesmo que aos olhos da sociedade isso ainda seja um tabu.

Para o campo da comunicação e de relações públicas, justifica-se este trabalho pela importância do exercício inclusivo do profissional, pois as organizações necessitam, cada dia mais, uma comunicação voltada para a diversidade e inclusiva com todos os públicos. Além disso, a produção científica sobre o tema sexualidade e pessoas com deficiência ainda necessita de avanços no ramo comunicacional no Brasil. Esta produção foi mapeada por uma busca realizada durante o período de 20 a 23 de março de 2022, em bancos de dados acadêmicos, para entender os campos de estudo e objetos que se assemelham ao tema, além de auxiliar no entendimento da relevância da temática para a área de Relações Públicas e Comunicação Digital. Nessa busca consultou-se o Banco de Teses e Dissertações da Capes, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, o repositório Lume da UFRGS, o Repositório UFSM, e os anais da Intercom, nos anos de 2014 até 2021. A partir da busca das palavras-chave *devotee*, pessoas com deficiência e sexualidade, foram localizados cerca de 20 trabalhos, entre teses, artigos e dissertações, com análises sobre: corporalidades e pessoas com deficiência; acessibilidade e inclusão de pessoas com deficiência na educação; tecnologia e interatividade; construção de relacionamentos em redes sociais; e acessibilidade comunicacional.

Foi encontrada apenas uma dissertação de mestrado cujo objetivo foi o de “compreender as percepções das pessoas com deficiência física acerca do estabelecimento de relacionamentos virtuais, com o intuito de refletir sobre as categorias deficiência, afetividade

e estigma do corpo” (PETRY, 2018, p. 4). Este trabalho se aproxima muito da temática desta pesquisa, no entanto o foco da dissertação é no preconceito e estigmas colocados apenas sobre o corpo das pessoas com deficiência, e não sobre os relacionamentos construídos por estas ou sobre o apoio da comunicação nesta construção. Entre outros trabalhos que se aproximam do foco deste projeto também estão o de Alves (2020), Oliveira (2016), Costa Filho (2017), Bortolini (2014) e Bandeira (2021).

Partindo destas justificativas, considera-se importante a compreensão e exploração sobre as temáticas de corporalidades e sexualidades e a interlocução destas com a vivência de uma pessoa com deficiência, para que assim possamos quebrar barreiras informacionais e comunicacionais entre uma sociedade capacitista e essa comunidade.

Para tanto, iniciou-se um processo de problematização sobre a temática, a partir do entendimento de que está se tratando de indivíduos de um grupo minorizado, marginalizado e invisibilizado socialmente, que ainda precisa lutar por direitos básicos, como acessibilidade e inclusão. Além disso, trata-se também da subjetividade dessas pessoas, como o amor, afetividade, desejo e atração. Portanto, se faz necessária a compreensão da delicadeza e complexidade do tema.

Tendo isso em vista, e considerando o enfoque temático do trabalho, problematizamos sobre o tema, levantando alguns questionamentos a respeito do processo de compreensão da performatividade de sexualidade e de percepção de corpo das pessoas com deficiência, da influência das mídias e da comunicação digital sobre este processo e sobre a produção de conteúdo voltado a essa temática nas redes sociais. Após esse processo de problematização, chegamos ao seguinte **problema de pesquisa**: *Como a geração de conteúdo sobre sexo e deficiência nas redes sociais interfere na percepção de corpo e na performatividade da sexualidade de pessoas com deficiência?*

A partir da definição do problema de pesquisa, determina-se que o **objetivo geral** deste trabalho é *compreender as possíveis interferências da geração de conteúdo sobre sexo e deficiência no Instagram na percepção de corpo e performatividade da sexualidade de pessoas com deficiência, a partir da perspectiva da criadora de conteúdo e do público do perfil @janeladapatty*. Para responder a este problema, foram definidos os seguintes **objetivos específicos**: (a) *investigar a percepção da criadora do perfil sobre a temática de sexualidade e percepção de corpo de pessoas com deficiência*; (b) *analisar a produção de*

conteúdo do perfil sobre corpo e sexualidade; e (c) investigar pontos de contato entre o conteúdo publicado e a percepção do público e da criadora do perfil sobre a sexualidade/corpo de pessoas com deficiência.

Como **objeto de pesquisa** optou-se por analisar o perfil @janeladapatty no Instagram, por ser este um dos sites de redes sociais mais utilizados hoje no Brasil e também o que apresentou o melhor formato de conteúdo considerando os objetivos da pesquisa. Muitos perfis de influenciadores com deficiência ou que tratassem do tema foram considerados, dentre eles: @rafabrunelli, @pcdvale, @ritadlibra, @lorenaeltzz, @_pequenalo, @ivanbaron e @victordimarco, que inclusive faz parte das referências deste trabalho. Porém, decidiu-se pelo perfil de Patrícia Lorete por entender que este, além de ser um perfil comercial e não pessoal, oferecia uma frequência maior de publicações que focam na temática de sexualidade como um todo, sem recortes de gênero ou orientação sexual.

Para fazer a análise, utilizou-se a **metodologia** de triangulação de métodos criada por Johnson (2010) que prevê uma combinação de três ou mais modelos de pesquisa qualitativa mediada por computador. Portanto, optou-se pela técnica de observação simples definida por Gil (2008) para realizar a coleta do corpus de pesquisa no perfil do Instagram escolhido como objeto de análise, apoiada por uma entrevista em profundidade, feita a partir da metodologia da Duarte (2005), e pelo modelo de análise de conteúdo de Bardin (2011). Assim foi possível fazer a coleta e análise dos dados de forma que respondessem aos objetivos específicos.

Estrutura-se, portanto, o trabalho em três capítulos teóricos, escritos a partir da metodologia de pesquisa bibliográfica defendida por Stumpf (2005). O **capítulo dois** apresenta um breve histórico sobre a construção dos corpos, considerando principalmente os conceitos de Foucault (1988), que expõe os estudos sobre o tema entre os séculos XVII e XIX, e Goellner (2013), que complementa o autor, dissertando sobre a importância da escola na formação e padronização dos corpos, e apresenta uma possibilidade de produção cultural das corporalidades. Neste capítulo também faz-se um resgate histórico da sexualidade, também a partir das pesquisas de Foucault (1988), que são apoiadas pelas diferentes definições trazidas por Senem e Caramaschi (2017) e Weeks (2010), que explora a orientação pela pluralidade. Finaliza-se o capítulo com os conceitos de Louro (2013), Butler (2010) e Marco (2020), que trabalham, respectivamente, com a pedagogização dos corpos e sexualidades, com o conceito de performatividade e com debates sobre a “inadequação” das pessoas com deficiência.

O **capítulo três** desta monografia, apresenta os diferentes modelos teóricos sobre a deficiência, apropriando-se das pesquisas de Diniz (2007), Piccolo e Mendes (2013) e Lanna Júnior (2010) para fazer um resgate histórico do movimento das pessoas com deficiência no mundo e no Brasil, de 1972 aos dias atuais. Além disso, o capítulo também apresenta críticas aos referidos modelos, fundadas nos conceitos de Piccolo (2012) e Mello (2014), e constrói a definição de capacitismo a partir dos relatos de Alves (2020), Dias (2013) e Marco (2020), que instituem esse como um preconceito aplicado às pessoas com deficiência e baseado na corponormatividade e funcionalidade dos corpos.

O **capítulo quatro** relata uma breve evolução do surgimento da escrita até as mídias digitais a partir da Di Felice (2008), expondo a teoria de mídia social de Thompson (2002) e as fases de consumo compartilhado de Dalmonte (2015). Porém, busca principalmente, debruçar-se sobre os conceitos de redes sociais e interações na internet de Recuero (2014) e Primo (2011), debatendo sobre os principais valores relacionados aos sites de redes sociais, e sobre os conceitos de intimidade e produção do *self*, de Thompson (2002).

Após a estruturação teórica e metodológica dessa monografia, iniciamos a parte empírica, no **capítulo cinco**, onde é feita a definição da metodologia e apresentados: o perfil @janeladapatty no Instagram, assim como suas métricas e concepções; os resultados obtidos através da entrevista realizada com a influenciadora inclusiva Patrícia Lorete, que expõe suas experiências, vivências e conceitos sobre sexualidade, corpo e deficiência; e também a análise feita dos conteúdos publicados sobre a temática, identificando relações entre as falas da influenciadora, os relatos dos seguidores e as teorias utilizadas no trabalho.

Por fim, chega-se às considerações finais deste estudo no **capítulo seis**, compreendendo que a produção de conteúdo sobre sexualidade e deficiência no perfil é fundamental para a formação e empoderamento dos atores envolvidos, sendo as interações formadas na plataforma a base para essas construções. Abrem-se também questionamentos a respeito da responsabilidade social da tecnologia e dos sujeitos na divulgação e disseminação de informações sobre esta temática.

Inicia-se então a pesquisa apresentando as temáticas de corpo e sexualidade para que se entenda como estas atravessam o objeto de pesquisa. Para tanto inicia-se com um resgate histórico do assunto.

2 CORPO E SEXUALIDADE

Referir-se a corpo e sexualidade é falar de discursos biológicos, sociais, culturais, políticos e históricos. Cada uma destas áreas do conhecimento possui pressupostos distintos, sendo evidente a existência de diferentes concepções teóricas. Todavia, grande parte dos pesquisadores afirma que não é possível referir-se aos conceitos de corpo e sexualidade separadamente.

Desta forma, este capítulo aborda um breve histórico e alguns conceitos biológicos e sociais sobre corpo e sexualidade, a maneira como a educação e a cultura os formam e como esses pressupostos se aplicam aos corpos e sexualidades reconhecidos como fora do padrão.

2.1 UM BREVE HISTÓRICO E UMA CONCEITUALIZAÇÃO SOBRE CORPO

Para compreender e analisar teorias sobre o corpo é necessário trazer previamente uma perspectiva histórica, para assim compreender a formação de uma padronização dos corpos. Os primeiros estudos sobre o tema surgiram considerando o corpo físico, o corpo como objeto. Foucault (1988) afirma que o poder sobre o corpo se desenvolveu a partir do século XVII, em duas formas principais, que não são antagônicas, mas se constituem por dois pólos de desenvolvimento interligados por um feixe intermediário de relações.

O autor explica que a primeira forma de poder centrou-se no corpo como máquina: “no seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos” (FOUCAULT, 1988, p. 131), tudo isso assegurado por procedimentos de poder que caracterizam as disciplinas anátomo-políticas do corpo humano.

A segunda forma de poder aconteceu mais tarde, por volta da metade do século XVIII, e centrou-se no corpo-espécie, no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte de processos biológicos como a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-los variar. Esses processos foram assumidos mediante uma série de intervenções e controles reguladores como a biopolítica da população (FOUCAULT, 1988).

Essas duas formas de poder, anatômica e biológica, individualizante e especificante, eram voltadas para os desempenhos do corpo e encarando os processos da vida. Segundo

Goellner (2013), apoiada sobre as definições de Michel Foucault, essas formas não apenas analisaram os corpos anatômica e biologicamente, como lhe conferiram diferentes lugares sociais.

O tamanho do cérebro, por exemplo, poderia justificar o nível de inteligência dos sujeitos; a aparência do rosto (cor da pele e dos cabelos) passou a ser um dos elementos a identificar a aptidão de alguns para o trabalho manual; as feições (traços do rosto), o tamanho das mãos ou do crânio poderia classificar os comportamentos e identificar os loucos, criminosos, tarados e agitadores políticos (GOELLNER, 2013, p. 36).

Conforme a autora, essas classificações colaboraram para que diferentes hierarquizações se estruturassem na sociedade, inferiorizando negros e mulheres, por exemplo, e, conseqüentemente, também as pessoas com deficiência.

A partir do século XIX, com o surgimento das primeiras máquinas à vapor, o corpo passou a ser ressignificado. Segundo Goellner (2013), o corpo passou a ser educado para a produtividade, pois assim como as máquinas, era observado como um motor de combustão que conseguia digerir alimentos e transformá-los em energia produtiva. A autora afirma que neste período os médicos se tornam figuras centrais, cuidando não apenas do corpo físico, como também do corpo social, a partir de inúmeras intervenções privadas e públicas, dentre elas a educação dos indivíduos. Com isso, as escolas passam a ser observadas como um espaço privilegiado para atuar na educação e, conseqüentemente, na produção de corpos capazes de expressar e exibir os signos, as normas e as marcas corporais da sociedade industrial (GOELLNER, 2013). Assim,

o corpo retilíneo, vigoroso, elegante, delicado e comedido nos gestos traduzia o pertencimento à burguesia da época, enquanto o corpo volumoso, indócil, desmedido, fanfarrão e excessivo era representado como inferior e abjeto ao que se desejava produzir (GOELLNER, 2013, p. 39).

Essa visão ajudou a moldar o modelo médico da deficiência, que será visto no capítulo três desta monografia.

Voltando para a atualidade, Goellner (2013) acredita na possibilidade de pensar o corpo como algo produzido na e pela cultura e não da forma naturalista que conhecemos. Essa possibilidade é um desafio e ao mesmo tempo uma necessidade, pois ao desnaturalizá-lo revela-se que na verdade o corpo é histórico - e não apenas um dado natural e material, mas sim uma “construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc.” (GOELLNER, 2013, p. 30). Ou seja, o corpo não é universal, é provisório, mutante e mutável, propício a intervenções que

ocorrem de acordo com cada cultura, bem como suas leis, códigos morais, representações e discursos que sobre ele produz e reproduz (GOELLNER, 2013).

Para a autora, o corpo é também construído pela linguagem, que tem o poder de nomeá-lo, classificá-lo, definir-lhe normalidades e anormalidades e instituir, por exemplo, o que é considerado um corpo belo, jovem e saudável. Goellner (2013) ainda afirma que essas representações do corpo a partir da linguagem são sempre efêmeras, inconsistentes, temporárias e variam de acordo com o lugar/tempo que o corpo circula, vive, expressa-se, produz-se e é produzido.

Já Gonçalves (2010, s.p.) define o corpo como um “objeto-sujeito que nos habita e é habitado por nós”. Assim como Goellner (2013), a autora também afirma que “é possível dizer que nossa relação com o corpo, com nosso próprio corpo (no sentido mesmo dos ‘usos’ que fazemos dele) é mediados pelas regras e normas sociais, sempre históricas” (GONÇALVES, 2010, s.p.).

Luiz (2015) sustenta que o corpo é a primeira forma de comunicação do ser humano, pois é com esse que o indivíduo realiza os primeiros contatos com o mundo. Segundo a autora, é através do corpo que o homem interage com o ambiente, emitindo mensagens que o aproximam, afastam e o singularizam por meio de escopos, categorias de apresentação e representação social.

Baseado nestas construções, pode-se definir o corpo como uma complementaridade entre o objeto material - no que tange a contemplação e atribuição físicas - e o objeto social, amorfo, do qual o ser se apropria para criar sentidos em relação a sua vivência, ainda que esta criação de sentidos esteja atravessada pela mídia, pelas experiências e pelo próprio uso do corpo.

A partir deste histórico e dos conceitos apresentados, o subcapítulo a seguir aborda as diferentes definições de sexualidade, as quais se complementam às ideias tratadas anteriormente sobre a produção dos corpos.

2.2 CONCEITOS E HISTÓRICOS DA SEXUALIDADE

Debater os conceitos e a contextualização histórica da sexualidade humana permite compreender a construção do termo para então entender como corpo e sexualidade são

apropriados pelos diversos grupos sociais, no caso específico desta pesquisa, as pessoas com deficiência.

Para Nunes (2005) falar sobre sexualidade implica retomar alguns recursos metodológicos - como história, antropologia, moral e evolução social. Segundo o autor, não se fala de sexualidade de maneira fragmentada, dividida ou estanque. “As relações sexuais são relações sociais, construídas historicamente em determinadas estruturas, modelos e valores que dizem respeito a determinados interesses de épocas diferentes” (NUNES, 2005, p.15).

Porém, várias são as apreensões e conceitos sobre o tema. Uma visão possível é mais física, prática e operacional, como indicam Senem e Caramaschi (2017), que afirmam que “o sexo possui características filogenéticas sendo formado ao longo de toda evolução da espécie humana como ser animal e reconhecido pela genitalidade” (SENEM; CARAMASCHI, 2017, p.166). Para os autores, a sexualidade é um conceito que surgiu apenas no século XIX sendo utilizado para representar a qualidade e a significação do que é sexual, ampliando assim a ideia de sexo (SENEM; CARAMASCHI, 2017).

Os autores também apresentam a visão de Freud (1972 apud SENEM; CARAMASCHI, 2017), que ampliou a compreensão sobre a sexualidade humana, dizendo que esta não tem por finalidade a procriação, mas a busca pelo prazer. Segundo o autor, a sexualidade pode ser observada desde o início da vida humana e passa por diversas fases: oral, anal e fállica.

Senem e Caramaschi (2017) ainda citam Werebe (1998), dizendo que “uma relação sexual não é apenas o encontro entre dois órgãos sexuais, mas entre duas pessoas, com suas singularidades próprias, com seus sentimentos, aspirações, desejos, necessidades, conflitos e problemas” (WEREBE, 1998 apud SENEM; CARAMASCHI, 2017, p. 169).

Em contraposição a esta visão fisiológica, Nunes e Silva (2000 apud SENEM; CARAMASCHI, 2017) referem que a sexualidade traz consigo a intencionalidade e a escolha, o que a torna uma dimensão humana, dialógica e cultural, não podendo ser reduzida a um determinismo naturalista. Os autores também afirmam que considerar a sexualidade apenas como uma dimensão instintiva ou restringi-la à dimensão animal, natural e/ou reprodutiva é subtrair sua característica mais importante: a especificidade humana de viver e significar o sexo.

Contrariando algumas teorias apresentadas por Senem e Caramaschi (2017), e em concordância com Nunes (2000 e 2005), a visão de Foucault (1988) apresenta contribuições históricas sobre a sexualidade muito anteriores ao século XIX, indicando uma visão sobre o tema que vai além do ato físico ou relacional, colocando o poder como centro de análise.

Foucault (1988) afirma que há dezenas de anos só se fala de sexo “fazendo pose”, ou seja, como forma de desafiar a ordem estabelecida, com tom de voz que demonstra saber que se é subversivo. O autor refere que existe uma hipótese repressiva da sexualidade e que ir contra essa hipótese, isto é, dizer que o sexo não é reprimido, ou que entre o sexo e o poder a relação não é de repressão - corre-se o risco de ser apenas um “paradoxo estéril”. “Não seria somente contrariar uma tese bem aceita. Seria ir de encontro a toda a economia, a todos os ‘interesses’ discursivos que a sustentam” (FOUCAULT, 1988, p. 14).

Segundo o autor, essa hipótese repressiva surge no século XVII, no qual falar sobre sexo era custoso e devia-se banir a palavra das coisas ditas. O pudor moderno exigia que não se falasse do assunto, uma forma de censura silenciosa principalmente em determinadas relações sociais como entre pais e filhos, educadores e alunos, patrões e serviçais (FOUCAULT, 1988). Essa censura proliferou, no entanto, um contraefeito, uma provável multiplicação dos discursos “ilícitos”, mas também os multiplicou no campo do exercício do poder, pois a partir desse momento existia quase uma incitação institucional para falar de sexo em um espaço de confissão: a igreja exigia indiretamente que se falasse dos pecados da carne para que se pudesse dar a devida penitência (FOUCAULT, 1988).

A Contra-Reforma se dedica, em todos os países católicos, a acelerar o ritmo da confissão anual. Porque tenta impor regras meticulosas de exame de si mesmo. Mas, sobretudo, porque atribui cada vez mais importância, na penitência — em detrimento, talvez, de alguns outros' pecados — a todas as insinuações da carne: pensamentos, desejos, imaginações voluptuosas, deleites, movimentos simultâneos da alma e do corpo, tudo isso deve entrar, agora, e em detalhe, no jogo da confissão e da direção espiritual (FOUCAULT, 1988, p. 23).

Já no século XVIII surge uma incitação política, econômica e técnica a falar sobre sexo. Segundo Foucault (1988), sexo torna-se assunto de “polícia”, não no sentido de repressão da desordem, mas sim de gestão; não moral, mas racional. A partir deste século surge a ideia de “população”, e conseqüentemente questões como mão-de-obra, capacidade de trabalho, equilíbrio e crescimento populacional. Os governos percebem que não têm que lidar só com sujeitos, mas com uma população com seus fenômenos específicos e suas próprias variáveis: natalidade, morbidade, longevidade, fecundidade, estado de saúde, incidência das

doenças, forma de alimentação e de habitação. Foucault (1988) afirma que no cerne dessa questão populacional está o sexo, pois:

é necessário analisar a taxa de natalidade, a idade do casamento, os nascimentos legítimos e ilegítimos, a precocidade e a frequência das relações sexuais, a maneira de torná-las fecunda ou estéreis, o efeito do celibato ou das interdições, a incidência das práticas contraceptivas — desses famosos "segredos funestos" que os demógrafos, na véspera da Revolução, sabem já serem conhecidos no campo (FOUCAULT, 1988, p. 28).

Uma das instituições em que os discursos sobre sexualidade passam a acontecer com outros objetivos é a escola. Seja de forma arquitetônica, pelo espaço da sala, divisão de dormitórios com ou sem separações de cortinas, vigilância do sono e dos espaços de recreação, ou pelo próprio discurso sobre os corpos condicionados a uma padronização médica corporal, a sexualidade das crianças passa a ser trabalhada e construída sobre um poder pedagógico (FOUCAULT, 1988).

Essa movimentação, que faz com que o Estado saiba o que se passa com o sexo dos cidadãos e o uso que dele fazem e que seja capaz de controlar sua prática, se estende no século XIX, alcançando outras áreas. A medicina, por exemplo, aborda o sexo por intermédio das "doenças dos nervos"; em seguida, a psiquiatria começa a procurar a etiologia das doenças mentais e, sobretudo, quando anexa ao seu domínio exclusivo, o conjunto das "perversões sexuais" e "crimes crapulosos" (FOUCAULT, 1988). Um exemplo dessa abordagem é o caso ocorrido em 1867, quando um trabalhador agrícola inglês, denunciado por ter "obtido umas carícias de uma menina", é apresentado à julgamento, condenado e internado para servir aos estudos médicos que visavam medir a caixa craniana, a ossatura facial e inspecionar a anatomia em busca de possíveis sinais de "degenerescência" (FOUCAULT, 1988). Ou seja, relacionava-se crimes sexuais com deficiência intelectual, podendo ser este o princípio de uma mitificação da sexualidade de pessoas com deficiência, como será retratado no próximo subcapítulo.

No final do século XIX, e principalmente no século XX, o sexo deixa de ser um assunto conjugal. Começa-se a falar sobre o adultério, a sexualidade das crianças, o incesto, a homossexualidade, a sodomia, a "devassidão", e conseqüentemente a vigilância sobre o sexo aumenta (FOUCAULT, 1988). Essa vigilância passou a especificar, medicalizar e patologizar todas essas sexualidades periféricas, com o intuito de reduzir a sexualidade legítima ao casal heterossexual, monogâmico e conjugal.

A separação entre adultos e crianças, a polaridade estabelecida entre o quarto dos pais e o das crianças (que passou a ser canônica no decorrer do século, quando começaram a ser construídas habitações populares), a segregação relativa entre meninos e meninas, as regras estritas sobre cuidados com os bebês (amamentação materna, higiene), a atenção concentrada na sexualidade infantil, os supostos perigos da masturbação, a importância atribuída à puberdade, os métodos de vigilância sugeridos aos pais, as exortações, os segredos, os medos e a presença ao mesmo tempo valorizada e temida dos serviços, tudo faz da família, mesmo reduzida às suas menores dimensões, uma rede complexa, saturada de sexualidades múltiplas, fragmentárias e móveis (FOUCAULT, 1988, p. 46).

Sabe-se que vários dos exemplos dados por Foucault (1988) permanecem até hoje, e em todos eles vê-se uma característica em comum: a perspectiva de gênero. Weeks (2010, p. 56) define gênero como uma relação de poder, afirmando que os padrões de sexualidade feminina são “inescapavelmente, um produto do poder dos homens para definir o que é necessário e desejável”. Afirma que no final do século XIX houve a substituição de um modelo hierárquico, que via a mulher como inferior ao homem e objeto de prazer, para um modelo reprodutivo, onde eram definidos dois corpos singulares, o masculino e o feminino, com marcações diferentes, focadas no ciclo reprodutivo e sexual (WEEKS, 2010).

Atualmente busca-se quebrar esse padrão binário dos corpos e sexualidades. Weeks (2010) indica que há uma crescente nos fatos da diversidade social e sexual, porém tem sido em um grau limitado que esse reconhecimento se transforma em uma aceitação positiva da diversidade.

Ao contrário, como temos visto, a diversidade e a sempre crescente complexidade social que lhe dá origem provocam agudas ansiedades, as quais fornecem a base de sustentação para grupos ligados ao surgimento renovado de valores mais absolutistas. Uma posição mais pluralista, porém, pareceria estar mais de acordo com a complexidade e a variedade que pode ser observada na história da sexualidade (WEEKS, 2010, p. 79).

Considerando essa diversidade e o movimento de mudança de perspectiva social sobre corpos e sexualidades, no próximo subcapítulo será visto como a pedagogização dos corpos e as sexualidades atravessam a construção da identidade das pessoas com deficiência.

2.3 OS CORPOS E SEXUALIDADES “INADEQUADOS”

Conforme visto, por volta do século XIX a sociedade encontrou na educação, de forma mais prática nas escolas, um local estratégico para a aplicação de uma regularização e padronização da sexualidade e do corpo.

De alguma forma a importância da escola na formação de um imaginário sobre corpo e sexualidade para o indivíduo persiste até hoje. Louro (2013, p. 45) refere essa persistência quando afirma que uma noção singular, um padrão, de gênero e sexualidade se sustenta nos currículos escolares: “haveria apenas um modo adequado, legítimo, normal de masculinidade e de feminilidade e uma única forma sadia e normal de sexualidade, a heterossexualidade; afastar-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico”. Ou seja, os corpos que não são considerados masculinos ou femininos, não considerados sadios ou heterossexuais, estariam às margens da cultura, “longe do centro” do que é adequado culturalmente.

A autora acredita que o movimento de colocar esses corpos e sexualidades ditos inadequados no centro da cultura é importante para pôr em questão a naturalidade, normalidade, da masculinidade, feminilidade e heterossexualidade. Louro (2013) ainda complementa que esse movimento não incita a negar a materialidade desses sujeitos heterossexuais, masculinos ou femininos, nem desprezar seus corpos; não significa, negar todo um conjunto de códigos, representações e práticas discursivas utilizados para sinalizar sua identidade, mas implica compreender, sim, “que são precisamente os discursos, os códigos, as representações que atribuem o significado de diferente aos corpos e às identidades” (LOURO, 2013, p. 48).

Por isso é importante saber: como são produzidos os discursos que instituem diferenças? Quais os efeitos desses discursos sobre os corpos? Quem é marcado como diferente? Como os sujeitos são representados e que possibilidades, destinos e restrições a sociedade lhes atribui?

Trazendo este discurso para a temática desta pesquisa, essas possibilidades, destinos e restrições, quando aplicadas sobre as pessoas com deficiência, resgatam uma funcionalidade do corpo e reduzem esses indivíduos ao carnal. Marco (2020), homem gay com deficiência, expõe que

ter um corpo com deficiência implica em não ter um corpo, as pessoas acreditam que o que eu tenho é um pedaço, um erro da medicina, um experimento filtrado a pena. Costumam adotar uma ótica funcionalista de um corpo. Se não fala é inútil. Se não corre é inútil. Tudo pautado na condição que o melhor e mais rápido se reproduz (MARCO, 2020, p. 14).

O autor ainda afirma que um corpo com uma deficiência está fora de muitos padrões além do estético e que muitas vezes, “as pessoas acreditam que, se a gente se esforçar, vai

deixar de ter uma deficiência” (MARCO, 2020, p. 31). Para este, estar fora do padrão é incomodar a norma, é muito mais uma questão imagética do que um padrão de corpo, pois se mistura com a forma que este se expressa, com o jeito de andar, de não-andar, de falar, de “não-falar” (MARCO, 2020).

Sobre esta questão imagética, Marco (2020, p. 27) defende que só existe uma pessoa com deficiência “porque se criou o que não é ter uma deficiência. A diferença, aqui, atua como uma afirmação da regra, ou seja, a existência de um corpo dito com deficiência pauta e afirma a existência de um corpo-regra”. Esta ideia também aparece nas falas de Louro (2013) quando afirma que “quem é representado como diferente, por outro lado, torna-se indispensável para a definição e para a contínua afirmação de identidade central, já que serve para indicar o que esta identidade não é ou não pode ser” (LOURO, 2013, p. 49); e de Alves (2021), que indica que os corpos deficientes é que vão dar “forma” e “significado” para os corpos não deficientes, e que ao fazerem isso, se apagam do que seja o “domínio do humano”.

Ainda sobre a produção do sujeito e da sexualidade e a influência da escola neste processo, Louro (2010) defende que os sujeitos não estão como meros receptores neste processo de produção, e sim participantes ativos na construção de suas identidades.

Se múltiplas instâncias sociais, entre elas a escola, exercitam uma pedagogia da sexualidade e do gênero e colocam em ação várias tecnologias de governo, esses processos prosseguem e se complementam através de tecnologias de autodisciplinamento e autogoverno que os sujeitos exercem sobre si mesmos (LOURO, 2010, p. 25).

Butler (2010) define esse processo como performatividade, como “uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas [...] na medida em que ela adquire o status de ato no presente, ela oculta ou dissimula as convenções das quais é uma repetição” (BUTLER, 2010, p. 167). A performatividade, portanto, seria o processo de produzir a sexualidade enquanto a exerce.

Podemos ilustrar esse processo a partir das vivências de Marco (2020), quando afirma que começou a entender o que era sexualidade a partir do momento que passou a ver outros homens e desejar ser igual a eles, criando em sua cabeça uma situação confusa, pois não sabia se os desejava sexualmente ou se queria ser que nem eles corporalmente. E aqui já pode-se notar que para uma pessoa com deficiência, a performatividade de sexualidade ainda é atravessada por um reconhecimento do corpo. Para o autor, sexualidade não é apenas sexo ou

atração. “Para mim, a sexualidade aparece desde o momento da minha relação com o meu corpo, o me tocar, o modo como eu me percebo e me desejo” (MARCO, 2020, p. 40).

Por fim, citam-se das palavras de Louro (2013) que propõe que os sujeitos que fogem às expectativas de corpo e sexualidade, os “excêntricos”,

não buscam ser “integrados”, “aceitos” ou “enquadrados”; o que desejam é romper com uma lógica que, a favor ou contra, continua se remetendo, sempre, à identidade central. Assumem-se como estranhos, esquisitos, excêntricos, e assim querem viver - pelo menos por algum tempo, ou melhor, pelo tempo que bem lhes aprouver (LOURO, 2010, p. 51).

Portanto, o essencial nesta monografia não é colocar estes corpos “inadequados”, “ineducados” e “anormalizados” no centro do debate como objetos de pesquisa, mas sim promover uma análise e uma compreensão a partir das falas das próprias pessoas com deficiência, considerando seu histórico social e suas performatividades. Para tanto, apresentam-se no capítulo a seguir as teorias sobre a deficiência e o histórico do movimento social de pessoas com deficiência.

3 AS TEORIAS SOBRE DEFICIÊNCIA

Considerando as teorias sobre deficiência, estruturou-se este capítulo em três partes, que compreendem primeiramente o que é e como se constituiu o Modelo Social de Deficiência, quais as críticas e novos modelos que surgiram a partir deste e quais os reflexos dessas teorias na sociedade contemporânea, buscando entender o conceito de capacitismo e seus desdobramentos.

3.1 O MODELO SOCIAL DA DEFICIÊNCIA

Segundo Diniz (2007), o Modelo Social da Deficiência surgiu nas mãos do sociólogo britânico Paul Hunt, que procurava entender o fenômeno da deficiência a partir do conceito de estigma, apresentado por Erving Goffman, em 1891. Em 1972, Hunt propôs ao jornal *The Guardian* a criação de um grupo de pessoas que debatesse sobre o autoritarismo e os regimes cruéis que incidiam sobre os sujeitos com deficiência, para que novas ideias fossem levadas ao parlamento inglês (DINIZ, 2007). Quatro anos após essa carta foi criada a “Union of the Physically Impaired Against Segregation” (UPIAS), considerada a primeira organização política de pessoas com deficiência, organizada por pessoas com deficiência, entre eles os sociólogos Michael Oliver, Paul Abberley e Vic Finkelstein. A UPIAS queria que a deficiência fosse tratada como uma questão social e não individual, movendo a responsabilidade pela opressão do indivíduo para a sociedade, confrontando assim, o modelo médico de compreensão da deficiência, o qual acredita que esta é uma consequência natural da lesão em um corpo que deve ser cuidado (DINIZ, 2007). Segundo a autora,

o marco teórico do grupo de sociólogos deficientes que criaram a UPIAS foi o materialismo histórico, o que os conduziu a formular a tese política de que a discriminação pela deficiência era uma forma de opressão social. Oliver e Barnes, em deficientes e política social: da exclusão para a inclusão, definem a experiência da opressão sofrida pelos deficientes como uma “situação coletiva de discriminação institucionalizada” (DINIZ, 2007, p. 16)

Piccolo e Mendes (2013) concordam com esse movimento de responsabilidades quando afirmam que, sob uma realidade contaminada de lineamentos biológicos e naturalizantes, a deficiência tende a ser apresentada como “pertencente ao indivíduo, sua propriedade, falha e limitação orgânica, obra de uma natureza incompleta que atesta a necessidade de seu sujeito aceitar de pronto e de maneira mansa e humilde toda sorte de firmamentos médicos edificadas sobre seu corpo” (PICCOLO; MENDES, 2013, p. 462). Os autores afirmam que, ainda no final do século XX, os médicos eram tratados como grandes senhores dos destinos das pessoas com deficiência, sendo eles os responsáveis por definirem a

nomenclatura, tratamentos e modos como estas pessoas seriam apresentadas à sociedade, como se a deficiência fosse responsabilidade do indivíduo “deficiente” e os demais apenas o tratassem como tal (PICCOLO; MENDES, 2013).

Além da transferência de responsabilidade sobre a deficiência do indivíduo para a sociedade, a UPIAS também objetivava redefinir a gramática médica sobre lesão e deficiência, propondo uma redefinição dos termos, o que seria a primeira tentativa de autoclassificação (DINIZ, 2007). Para o grupo, lesão significava ausência parcial ou total de um membro, organismo/mecanismo corporal defeituoso, já a deficiência era a “desvantagem ou restrição de atividade provocada pela organização social contemporânea, que pouco ou nada considera aqueles que possuem lesões físicas e os exclui das principais atividades da vida social” (DINIZ, 2007, p.17). Ou seja, a lesão seria o conceito médico/prático, enquanto a deficiência seria o conceito social.

Essas definições abriram espaço para um novo olhar sobre a deficiência. A proposta da UPIAS não era recusar os tratamentos médicos, mas sim ir além, responder a segregação e opressão com políticas públicas para pessoas com deficiência, tornar essa uma pauta da sociedade e não do indivíduo “doente”. Tudo isso permitiu com que a própria nomenclatura desse grupo fosse revista, pois a deficiência passava a ser um termo político, e nomenclaturas como “pessoa portadora de deficiência”, “pessoa com necessidades especiais”, “débil-mental”, “retardado”, “aleijado” foram colocados sobre debate (DINIZ, 2007).

Inclusive o termo Pessoa com Deficiência (PcD), utilizado neste trabalho e defendido hoje pela comunidade como o mais adequado, na época foi discutido pelos teóricos do modelo social da deficiência. “Segundo Oliver e Barnes, ‘a expressão pessoa com deficiência sugere que a deficiência é propriedade do indivíduo e não da sociedade’, ao passo que ‘pessoa deficiente’ ou ‘deficiente’ demonstram que a deficiência é parte constitutiva da identidade das pessoas” (DINIZ, 2007, p. 20).

A partir de então o movimento social começou a se estruturar e os próprios precursores passaram a reconhecer que inicialmente ele era formado em sua maioria por homens com deficiência física, e então buscaram por uma estratégia que não focasse apenas em lesões específicas, mas sim em termos que agregassem o maior número possível de pessoas com deficiência, mostrando que a unificação de todos era a experiência da opressão (DINIZ, 2007).

Com isso também começaram a surgir as primeiras produções e atividades acadêmicas sobre o movimento. Em 1975 foi criado o primeiro curso de graduação, “A Pessoa Deficiente na Comunidade”, promovido pela Universidade Aberta, e o primeiro curso de pós-graduação, pela Universidade de Kent, ambas britânicas. Já em 1986 foi criado por Oliver e Len Barton o primeiro periódico sobre o tema, a revista *Disability, Handicap and Society*, hoje chamada apenas de *Disability and Society*. Um dos primeiros artigos publicados pela revista foi de Abberley, intitulado O Conceito de Opressão e o Desenvolvimento da Teoria Social da Deficiência². Ainda em 1990, Oliver transformou seus escritos no livro “Políticas para a Deficiência³”, que foi traduzido para vários idiomas e ainda hoje é considerado um marco para o debate internacional sobre o modelo social da deficiência (DINIZ, 2007).

No Brasil, de acordo com Lanna Júnior (2010), até 1979 existiam apenas movimentos **para** pessoas com deficiência, como o Instituto Benjamin Constant, Instituto Nacional de Educação dos Surdos e as APAEs (Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais), nos quais pessoas sem deficiência, principalmente médicos, trabalhavam para reabilitação das pessoas com deficiência. Em 1979, incentivados pela situação política da época, surgiram os primeiros movimentos **de** (protagonizados por) pessoas com deficiência, como a Coalizão Pró-Federação Nacional de Entidades de Pessoas Deficientes, que tinha o objetivo de organizar a estruturação sistêmica do movimento. A Coalizão existiu durante três anos, em que ocorreram as três primeiras edições do Encontro Nacional de Entidades de Pessoas Deficientes, o 1º Congresso Brasileiro de Pessoas Deficientes e o Ano Internacional de Pessoas deficientes (1981, instituído pela ONU⁴), e em 1983 se extinguiu, dando espaço às Federações por área, como a ONEDEF (Organização Nacional das Entidades de Deficientes Físicos), FEBEC (Federação Brasileira de Entidades de e para Cegos) e FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos) (LANNA JÚNIOR, 2010).

Em 1986, a revisão da Constituição Federal teve participação ativa das organizações de pessoas com deficiência, através da proposição de legislação que garantisse seus direitos, as quais foram inseridas, em sua maioria, na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. A partir daí surgiu a CONADE (Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com

² ABBERLEY, Paul. The Concept of Oppression and the Development of a Social Theory of Disability. *Disability, Handicap & Society*, [S.L.], v. 2, n. 1, p. 5-19, jan. 1987. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02674648766780021>. Acesso em: 19 jul. 2022.

³ OLIVER, Michael. *Politics Of Disablement*. Londres: Red Globe Press London, 1990. 152 p.

⁴ Organização das Nações Unidas

Deficiência), em 1999, e foram realizadas as primeiras edições da Conferência Nacional das Pessoas com Deficiência, em 2006 e 2008 (LANNA JÚNIOR, 2010).

Nos anos de 1990 a 2000, surgiu um movimento que Diniz (2007) nomeia como segunda geração do modelo social. A autora afirma que enquanto a primeira geração de teóricos sobre a deficiência objetivava tornar esta uma pauta multidisciplinar e não apenas médica, a segunda geração pretendia promover uma leitura sociológica de que a opressão pela deficiência era resultado de uma ideologia capitalista (DINIZ, 2007). Esta leitura se apoiava no movimento feminista, afirmando que confundir lesão com deficiência seria o mesmo que igualar sexo e gênero (PICCOLO; MENDES, 2013).

Assim como o papel de gênero que cabe a cada sexo é fruto de um longo processo de socialização, a transformação do significado da lesão em deficiência também perfaz uma via estritamente social. Nada há de natural nela, aliás, nada do que é essencialmente humano o é (PICCOLO; MENDES, 2013, p. 472).

Diniz (2007) afirma que as teóricas feministas foram as primeiras a apontar o paradoxo que acompanhava as ideias do modelo social. Segundo a pesquisadora, por um lado criticava-se o capitalismo e a tipificação do sujeito produtivo como um sujeito sem deficiência, por outro, lutava-se politicamente para retirar as barreiras e permitir a participação das pessoas com deficiência no mercado de trabalho. Ou seja, o paradoxo se apoiava na ideia de inclusão e não na crítica aos pressupostos morais da sociedade como defendiam os primeiros pesquisadores sobre deficiência (DINIZ, 2007).

Com isso, estas teóricas trouxeram à tona temas como o papel das cuidadoras das pessoas com deficiência, subjetividade do corpo lesado, restrições intelectuais, ambiguidade da identidade de deficiência nos casos de doenças não aparentes ou crônicas, ou ainda o envelhecimento. Em resumo, elas apontaram que além da experiência da opressão ao corpo deficiente, existiam outras variáveis de desigualdades como etnia, gênero, orientação sexual e idade. Por exemplo, era diferente ser um homem com deficiência física e uma mulher com deficiência intelectual (DINIZ, 2007).

Esta crítica feminista ao modelo social da deficiência vem se aprofundando ao longo dos anos. Ela se apresenta não necessariamente contrária à ideia de que a estrutura social oprime a pessoa com deficiência, mas como um processo de revigoração e expansão do modelo social. Porém, esta será apresentada, junto a outras opiniões sobre o Modelo Social da Deficiência, com mais profundidade no subcapítulo a seguir, sendo complementada pelos

estudos da Teoria *Crip*, a partir da ótica de Mello (2014) e de McRuer (2006), que comentam algumas representações da pessoa com deficiência na sociedade.

3.2 A TEORIA *CRIP* E AS CRÍTICAS AO MODELO SOCIAL

Assim como Diniz (2007) desenvolve a discordância feminista sob a ótica de equivalência, Piccolo (2012) também traz à tona a crítica ao modelo social no que tange a realidade biológica da deficiência. Para ele, não se pode utilizar a opressão como um cabide no qual tudo se encaixa, as opressões são sentidas de maneiras diferentes pelos diversos grupos sociais minorizados por etnia, gênero e orientação sexual, por mais que a estrutura opressora seja a mesma.

Para o autor, as variáveis biológica e social não são dicotômicas como previa o modelo social e sim complementares, pois pela ótica da biologia, existe sim uma opressão às pessoas com deficiência quando são reduzidas às lesões para compreender, por exemplo, como construir os direitos à acessibilidade, assim como se reconhece a opressão social no que tange às barreiras intelectuais e legislativas. Ambas se complementam, não sendo possível definir qual oprime mais.

A segunda crítica apresentada por Piccolo (2012) ao modelo social se refere a homogeneidade do grupo articulador da teoria, que era formado por homens brancos com deficiência física. Esta crítica, também já apresentada pelo movimento feminista, como citado no subcapítulo anterior, parte do princípio de que não cabe à todas as pessoas com deficiência o mesmo contexto. O autor afirma que “enquanto os homens com deficiência são obrigados a lutar contra o estigma da deficiência para poder preencher socialmente os papéis masculinos, as mulheres são furtadas desta opção” (PICCOLO, 2012, p. 146). Isso significa que, assim como no restante da sociedade, dentro do movimento das pessoas com deficiência também se aplicam os papéis de gênero e conseqüentemente a sua opressão.

Também pode-se relacionar esta crítica aos acontecimentos do movimento PcD brasileiro, que, em 1983, a partir do III Encontro Nacional de Entidades de Pessoas Deficientes, optou por extinguir a Coalizão Pró-Federação Nacional de Entidades de Pessoas Deficientes. Segundo Lanna Júnior (2010), o terceiro Encontro foi marcado por uma disputa política pelo poder, onde dentro do próprio movimento social alguns grupos específicos de pessoas com deficiência exigiam um olhar mais crítico sob a sua deficiência em relação às

outras. Por isso optaram por extinguir uma representação única, para que cada grupo específico de deficiências pudesse criar o seu órgão regularizador e promotor de direitos, sendo criados assim as federações citadas anteriormente.

A terceira crítica aos *disability studies*⁵ reside na sobrevalorização da independência, que se funda na ideia que ao extinguir-se as barreiras sociais as pessoas com deficiência mostrariam toda sua capacidade e potencialidade produtiva. E como determina o próprio autor: "essas discussões ainda carecem de maiores aprofundamentos filosóficos" (PICCOLO, 2012, p. 153). No entanto, pode-se dizer que tanto a ideia de que a pessoa com deficiência é independente nos seus direitos, quanto a ideia de que algumas pessoas com deficiência ainda necessitam da interdependência para atingir seus direitos, são válidas. Analisando pela perspectiva de uma mãe cuidadora de um filho com deficiência intelectual, este se fará presente legalmente a partir de uma representação da sua mãe, demonstrando que, mesmo sem as barreiras sociais, a interdependência existe. No entanto, não se pode afirmar que toda pessoa com deficiência depende de um cuidado de alguém ou da sociedade.

Já a quarta crítica enfatiza que os teóricos do modelo social estão tão densamente preocupados com a transformação das estruturas e barreiras físico-sociais da sociedade que acabam deixando em segundo plano as esferas da cultura e linguagem. Os críticos dessa linha defendem que "nenhum fenômeno social, incluindo a deficiência, a incapacidade, o racismo e o sexismo, existe de maneira independente da prática discursiva" (PICCOLO, 2012, p. 159), portanto, quando resolvidas as barreiras sociais, ainda assim, existirão barreiras linguísticas para serem ultrapassadas, principalmente no que tange os direitos das pessoas com deficiência.

Na esfera da cultura, os críticos pontuam a lacuna deixada pelos *disability studies* quanto às dimensões psicossociais da deficiência. Segundo eles, os aportes psicoemocionais se constituem como dimensão fundamental no processo de desativação sofrido pelas pessoas com deficiência, demonstrando que através de uma cultura e de um reconhecimento no outro essas pessoas se reconhecem também na sociedade (PICCOLO, 2012).

Todas essas críticas ao modelo social têm algum embasamento nas teorias feministas, movimento que trouxe uma nova visão aos estudos sobre a deficiência. Este movimento foi embasado também pela Teoria *Queer*, que fundou as ideias de abjeção dos corpos e

⁵ Nomenclatura também utilizada pelos teóricos para se referir ao Modelo Social da Deficiência.

corponormatividade, utilizadas pelo movimento das pessoas com deficiência a partir da Teoria *Crip* de McRuer (2006). Nesta pesquisa apresentam-se os conceitos de Teoria *Crip* a partir da perspectiva de Mello (2014), em sua dissertação de mestrado intitulada “Gênero, deficiência, cuidado e capacitismo: uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violências contra mulheres com deficiência”, que reconhece o potencial analítico e interseccional de uma epistemologia *queer* da deficiência.

Mello (2014) afirma que a Teoria *Queer* questiona as categorizações de sujeitos,

que recusa a classificação dos indivíduos em categorias binárias, universais e imutáveis, argumentando que são construídas de maneira complexa, a partir da interseção de múltiplos sujeitos políticos, de posições, critérios ou variações culturais, muitas vezes marcados por processos sociais normalizadores (MELLO, 2014, p.49).

Para a autora, a Teoria *Queer* lança um duplo desafio, tanto ao feminismo e à ideia de gênero, quanto aos estudos gays e lésbicos, em relação aos processos de construção social e discursiva das práticas sexuais e identidades hegemônicas. Posteriormente, a Teoria *Queer* expande sua investigação ao abarcar qualquer tipo de prática sexual ou identidade que estejam na fronteira de categorias normativas ou desviantes, como é o caso dos trabalhos de McRuer (2006) na Teoria *Crip*, que relaciona os signos culturais de *queerness* (estranheza) e deficiência.

Mello (2014) acredita que, enquanto o conceito principal da Teoria *Queer* afirma que a sociedade contemporânea é regida pela heteronormatividade, a Teoria *Crip* defende que a sociedade é regida pela corponormatividade, pouco sensível à diversidade de corpos. Vale ressaltar que essas duas “normatividades” são baseadas na ideia de que em algum momento social “inventou-se” a heterossexualidade, assim como “inventou-se” o corpo saudável, e que ambos conceitos precisam de uma produção simultânea, o que a autora chama de corpo abjeto, para que essa hegemonia do sujeito “normal” exista. “Os dois campos têm como premissa, respectivamente, a ideia de que as categorias binárias heterossexualidade/homossexualidade e capacidade/deficiência são históricas e socialmente construídas” (MELLO, 2014, p. 53).

Segundo Mello (2014), os tópicos que abrangem o conceito *crip* incluem os estudos epistemológicos e metodológicos sobre a Teoria *Crip*, investigações sobre artistas *performers queer/crip*, a desconstrução da corponormatividade e de noções sobre a aptidão militar que

exigem tanto a produção como a contenção da “estranheza” (*queerness*) e do “aleijado” (*cripple*), além dos trabalhos sobre práticas sexuais transgressoras de pessoas com deficiência.

Compreendendo, então, que a Teoria *Crip* é baseada na percepção de que existe na sociedade uma normatividade dos corpos que define um antagonismo entre corpo saudável e corpo com deficiência, identifica-se que há, sim, uma opressão social sob as pessoas com deficiência e que esta, como será visto no próximo subcapítulo, necessita de uma nomeação para que se possa alargar o debate social e a busca pelos direitos desses sujeitos. No entanto, qual seria a nomenclatura ideal para essa opressão?

3.3 ENTENDENDO O CAPACITISMO

Com o surgimento da ideia de corponormatividade defendida pela Teoria *Crip* surgiu a compreensão de que o corpo idealmente saudável seria um corpo-capaz, um corpo apto a exercer seu completo funcionamento na sociedade. Junto a esse conceito também surge o seu antagonista, que seria o corpo incapaz, o corpo doente e que não exerce suas funcionalidades em plenitude.

A partir desse entendimento, e segundo Mello (2014), vê-se necessária a criação de um termo para visibilizar essa forma peculiar de opressão contra as pessoas com deficiência e, por consequência, dar maior visibilidade social e política a este segmento. A autora também defende:

para desconstruir as fronteiras entre deficientes e não deficientes é necessário explorar os meandros da corponormatividade de nossa estrutura social ao dar nome a um tipo de discriminação que se materializa na forma de mecanismos de interdição e de controle biopolítico de corpos com base na premissa da (in)capacidade, ou seja, no que as pessoas com deficiência podem ou são capazes de ser e fazer (MELLO, 2014, p. 55).

Com isso, é fundado o termo **capacitismo**, termo recente, com menos de uma década de estudos, que define o preconceito aplicado sobre pessoas com deficiência. Segundo Alves (2020), o nome vem do inglês *ableism* - originado da palavra *able*, que pode ser traduzida como apto, capaz - termo difundido pela pesquisadora inglesa Campbell e que “evidencia uma sociedade construída e voltada para um corpo plenamente capaz, com todas as suas funcionalidades em perfeito estado” (ALVES, 2020, p. 14).

Dias (2013) afirma que a Convenção Sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, da ONU, define capacitismo como: qualquer diferenciação, exclusão ou restrição baseada em

deficiência, com o propósito ou efeito de impedir ou impossibilitar o reconhecimento, o desfrute ou o exercício, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais nos âmbitos político, econômico, social, cultural, civil ou qualquer outro, abrangendo todas as formas de discriminação, inclusive a recusa de adaptação razoável.

Ao fazer um resgate histórico da discriminação, a autora aponta que as pessoas com deficiência não são estimuladas, e muitas vezes são francamente desanimadas, a falar sobre suas deficiências com naturalidade, pois o mundo atual espera delas que "superem" sua deficiência. Segundo a autora, “no imaginário dominante de superação, em que o individualismo se dota de marca definitiva de status, poder, prioridade, ganho e excelência, o capacitismo encontra um excelente aliado no neoliberalismo” (DIAS, 2013, p. 11).

Neste sentido, em vez de organizar o cuidado comunitário, os indivíduos devem provar a si mesmos como únicos, e sem mediadores, porque, segundo a pesquisadora, “os outros são os outros e só”, ou seja, a mediação se organiza em torno do corpo normal e de sua busca por individualidade e auto sustentação e nunca por uma coletividade (DIAS, 2013, p. 11).

Ainda sobre provação de si mesmo, para Marco (2020), o capacitismo não aceita um corpo que produza algo fora do momento ou que não produza o que creditam como valor. “Ele nega a pluralidade de gestos e de não gestos, sufoca o desejo, mata a vontade e retira, assim, a autonomia dos sujeitos que são lidos como deficientes” (MARCO, 2020, p. 18).

O autor, em seu livro “Capacitismo: o Mito da Capacidade”, ainda dá luz a outros debates sobre a deficiência. O primeiro deles trata sobre a infantilização do corpo. Marco (2020) afirma que a ideia de diminutivo sempre foi muito presente em sua vida quando em características, como por exemplo “bonitinho, fofinho, engraçadinho”. O autor afirma que isso perpassa pela infantilização dos corpos - as pessoas infantilizam a pessoa com deficiência por não saberem lidar com o seus corpos e então ficam sem palavras, sendo que a primeira palavra a sair são de compaixão ou pena, que são sentimentos comuns de se ter por uma criança. Ainda, segundo o autor, “infantilizar uma adulta PcD é dizer para ela que ela não é autônoma, e que ela não tem condições de saber o que é melhor para si. Uma criança necessita de cuidado, assim como, no imaginário social, uma pessoa com deficiência” (MARCO, 2020, p. 35), e por isso que colocá-la em um lugar de criança é invalidá-la como ser social.

Outra temática abordada por Marco (2020) refere a passabilidade. Este termo é muito utilizado em movimentos de pessoas transgêneras e também é muito forte no movimento das pessoas com deficiência. O termo dita sobre o quanto a pessoa é “passável” na sociedade, o quanto esta não aparenta ter uma deficiência. Por exemplo, em uma foto, em determinado ângulo, de uma pessoa com deficiência auditiva, pode dar a impressão de que essa pessoa não aparenta ter uma deficiência, e isso de alguma forma poderia tornar ela mais aceita na sociedade, por estar mais próxima a um padrão social. Porém, o autor afirma que é de extrema importância falar que ser mais passável ou não, não torna a pessoa menos deficiente.

O termo é muito complexo, pois assim como a medicina que busca uma “cura”, muitas pessoas acreditam que PcD querem ser o mais passáveis possíveis. Isso corrobora com a ideia de que estamos “escondendo” algo, como se fossemos farsantes tentando enganar alguém escondendo um segredo (MARCO, 2020, p. 45).

Por fim, o autor afirma que “ser anticapacitista, então, é entender que não há motivo para acreditar que um corpo com deficiência não pode ter uma vida tão reconhecida e justificada de uma forma autônoma como a si próprio” (MARCO, 2020, p. 76).

Assim, após compreender mais sobre a formação dos corpos e sexualidades, sobre as teorias da deficiência e como as pessoas com deficiências são atravessadas por essas, se estudará o espaço em que essas produções, significações e performatividades serão aplicadas para essa pesquisa: as redes sociais digitais.

4 REDES E INTERAÇÕES SOCIAIS

Muitos são os sites ou aplicativos de redes sociais que se usam atualmente. Enviam-se mensagens rápidas e conversa-se através de aplicativos de mensagem como o WhatsApp e do Messenger, criam-se comunidades e relações sociais e profissionais por meio do Facebook e do LinkedIn, expressam-se rotinas e opiniões no Twitter e contabilizam-se horas do dia apreciando a vida alheia e entretendo-se no Instagram e no Tik Tok. Em todos esses sites vê-se a mesma ação: a comunicação sendo produzida e mediada pela internet.

Em seu livro, *A Sociedade em Rede*, Castells (2012, p. 442) afirma que “a comunicação mediada pela internet é um fenômeno social recente demais para que a pesquisa acadêmica tenha tido a oportunidade de chegar a conclusões sólidas sobre seu significado social”. No entanto, muitas são as pesquisas que exploram as diferentes sociedades mediadas dentro da internet. Nesta, abordam-se as redes sociais, em específico as digitais, operacionalizadas por Sites de Redes Sociais, fazendo uma interlocução com as interações mediadas por computador e a produção do *self*. Mas primeiramente, é necessário compreender uma breve evolução da comunicação social até as mídias digitais, visto que o histórico da comunicação é muito mais amplo do que o retratado aqui.

4.1 A EVOLUÇÃO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL ATÉ A MÍDIA DIGITAL

De acordo com Di Felice (2008), a comunicação pode ser compreendida por meio de suas três grandes revoluções - surgimento da escrita, a invenção da impressão e o desenvolvimento da cultura de massa - que possibilitaram novas práticas comunicativas e de interação entre as pessoas.

Conforme o autor, a primeira revolução surgiu por conta da passagem da cultura de sociedade oral para a escrita, durante o século V a.C., gerando uma sociedade considerada mais organizada que a anterior. A segunda, por volta do século XV, aconteceu com a impressão, criada por Johannes Gutenberg, fazendo com que a leitura abrangesse todas as classes sociais, expandindo a cultura do livro. Já a terceira, por sua vez, iniciou entre os séculos XIX e XX, com a veiculação de mensagens por meios eletrônicos de comunicação, marcando o início da cultura de massa. “A cada uma dessas revoluções, a introdução de novos meios determinou a possibilidade de alcançar um público cada vez maior em um período de tempo e a um custo cada vez menores” (DI FELICE, 2008, p. 22).

No entanto, o autor afirma que vive-se uma quarta revolução, que “define com mais clareza a impossibilidade de pensar a história das revoluções comunicativas num sentido diacrônico-evolutivo” (DI FELICE, 2008, p.23). Essa revolução atual, que tem a internet como grande meio propulsor, está transformando o processo e o próprio ato de comunicar, onde o fluxo linear de emissor-meio-receptor já não atende mais as dinâmicas de interações (DI FELICE, 2008).

Antes disso, Thompson (2002) já comentava que desde o surgimento das primeiras formas de telecomunicação na sociedade, houve uma disjunção entre espaço e tempo, onde o distanciamento espacial não mais implicava o distanciamento temporal. Ou seja, os meios de comunicação acabavam por transcender os limites do que o autor chama de interação face a face - em que os indivíduos estão no mesmo espaço-tempo - e a noção de simultaneidade era repensada (THOMPSON, 2002).

Com esse mesmo pensamento, Recuero (2014) explica que a partir do desenvolvimento dos meios de comunicação e de transporte e, mais tarde, com o advento das cartas e do telefone, foram criadas novas formas de interação social e, conseqüentemente, de relacionamento social. Assim há uma “transformação da noção de localidade geográfica das relações sociais” (RECUERO, 2014, p. 135). Ou seja, em uma perspectiva comunicacional, esses meios passaram a romper os padrões de interação humana através do tempo e do espaço.

Sobre a comunicação de um modo geral, Thompson (2002), compreende esta como um recurso do poder simbólico, caracterizando-a como uma atividade social distinta que envolve a produção, transmissão e recepção de formas simbólicas (informação e conhecimento) por diferentes meios técnicos de comunicação (mídia), que o autor caracteriza como sendo o substrato material das formas simbólicas. Assim:

na produção de formas simbólicas e na sua transmissão para os outros, os indivíduos geralmente empregam um meio técnico. O meio técnico é o substrato material das formas simbólicas, isto é, o elemento material com que, ou por meio do qual, a informação ou o conteúdo simbólico é fixado e transmitido do produtor para o receptor (THOMPSON, 2002, p. 26).

Com isso, Thompson (2002) percebe que o uso dos meios técnicos pode alterar as condições de espaço-tempo sob os quais os indivíduos exercem o poder, assim estes tornam-se capazes de interagir à distância. Segundo o autor,

o uso dos meios técnicos dá aos indivíduos novas maneiras de organizar e controlar o espaço e o tempo, e novas maneiras de usar o tempo e o espaço para os próprios fins. O desenvolvimento de novos meios técnicos pode também aprofundar o

impacto com que os indivíduos experimentam as dimensões de espaço e de tempo da vida social (THOMPSON, 2002, p. 29).

Neste contexto, também faz críticas à “comunicação de massa”, indicando que esse termo sugere que os indivíduos atravessados por essa comunicação são meros receptores de informação. Thompson (2002) reflete sobre essa prática:

devemos abandonar a ideia de que os destinatários dos produtos da mídia são espectadores passivos cujos sentidos foram permanentemente embotados pela contínua recepção de mensagens similares. Devemos também descartar a suposição de que a recepção em si mesma seja um processo sem problemas, acrítico, e que os produtos são absorvidos pelos indivíduos como uma esponja absorve a água. Suposições desse tipo têm muito pouco a ver com o verdadeiro caráter das atividades de recepção e com as maneiras complexas pelas quais os produtos da mídia são recebidos pelos indivíduos, interpretados por eles e incorporados em suas vidas (THOMPSON, 2002, p. 31).

Sob esta ótica de participação dos indivíduos na comunicação de massa, Dalmonte (2015) afirma que vê-se cada vez mais a evolução dos ambientes midiáticos/informacionais, que tanto acarretam em uma maior circulação de conteúdo, quanto permitem que os indivíduos participem deste processo de produção e elaboração. Atrelado a isso, o autor divide a evolução dos meios de comunicação em três fases de consumo midiático na vida social: consumo compartilhado, consumo individualizado e consumo privado e compartilhado.

A primeira fase - de consumo compartilhado - acontece por conta da troca imediata de impressões acerca da programação de produtos radiofônicos e televisivos, que em outro tempo eram assistidos/ouvidos em grupos. Já a segunda - consumo individualizado - é caracterizada pela individualidade no consumo dos produtos midiáticos, que então contava com o fácil acesso à compra de receptores televisivos, por exemplo. Por fim, a terceira fase - de consumo privado e compartilhado - é caracterizada pelo consumo de forma individualizada, acrescida do compartilhamento de impressões, como acontece com programas televisivos, os quais têm o conteúdo comentado e compartilhado em sites de redes sociais, simultaneamente ou não (DALMONTE, 2015). É, portanto, nessa última fase que as formas de produção e consumo se encontram, em recirculação e reverberação dos produtos comunicacionais, ocasionando o rompimento da temporalidade do consumo, como citado anteriormente por Thompson (2002) e Recuero (2014).

Ainda, segundo Dalmonte (2015), essa última fase de consumo midiático carrega consigo novas textualidades que surgem por conta da internet e impactam a forma com que se pensa, produz e consome esses produtos midiáticos. Nela recupera-se o sentido comunitário de “ver junto” e a estrutura de conversação é ampliada, pois agora o indivíduo conecta-se com

outros indivíduos, com interesses semelhantes, que consomem o mesmo conteúdo ao mesmo tempo. “Um mesmo produto televisivo, por exemplo, passa a ser apropriado de distintos modos, integrando-se a novas rotinas propostas por sites de redes sociais, como Facebook e Twitter” (DALMONTE, 2015, p. 100), e também o Instagram, objeto desta pesquisa.

Visto isso, pode-se concluir que a terceira fase de consumo midiático de Dalmonte (2015) está relacionada à quarta revolução comunicativa de Di Felice (2008), que resultou com que o processo e o significado do ato de comunicar fossem completamente transformados pelas novas tecnologias oriundas da internet.

Desde então, percebe-se o ritmo acelerado com que as redes digitais se popularizam e instauram uma nova forma comunicativa, feita de fluxos e de troca de informações “de todos para todos”, que deixa nítido e dá contraste às diferenças entre os meios de comunicação unidirecionais, como: rádio, televisão e jornal, e os novos meios de comunicação interativos, como os sites de redes sociais, por exemplo (DI FELICE, 2008).

Recuero (2014) também faz essa análise quando avalia a interconexão que há entre os computadores e as trocas de informações entre os usuários que fazem uso das ferramentas de comunicação mediada por computador. A autora afirma que

essas ferramentas proporcionaram, assim, que atores pudessem construir-se, interagir e comunicar com outros atores, deixando, na rede de computadores, rastros que permitem o reconhecimento de padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais. É o surgimento dessa possibilidade de estudo das interações e conversações que dá novo fôlego à perspectiva de estudo de rede social (RECUERO, 2014, p.24).

Portanto, constatou-se neste subcapítulo, que a interação social é fator constante quando se fala em evolução dos meios de comunicação (DI FELICE, 2008; RECUERO, 2014; THOMPSON, 2002) e que a mídia se insere na vida das pessoas por conta da evolução da circulação de conteúdo (DALMONTE, 2015; THOMPSON, 2002). Assim, pode-se entender inicialmente que a internet é uma mídia e que as interações ocorrem nela por conta das redes sociais digitais, por meio de seus sites de redes sociais, como o Instagram, Twitter, Facebook, entre outros (RECUERO, 2014). Por conta disso, o próximo subcapítulo é dedicado às redes sociais digitais, suas definições e também a debater sobre os tipos de interações e a produção do *self* nesses espaços.

4.2 SITES DE REDES SOCIAIS E TIPOS DE INTERAÇÕES

Uma rede social é a representação das relações e interações entre indivíduos de um grupo e possui um papel importante como meio de propagação de informação, ideias e influências (KEMPE, KLEINBERG E TARDOS, 2015). Para Ellison e Boyd (2013), as redes sociais digitais são, em sua essência, um gênero da comunicação mediada pelo computador (CMC), que mesclam novas tecnologias com antigas práticas da CMC, associadas às ideias da tecnologia industrial/empresarial.

De acordo com Recuero (2014) foi a partir da década de 90 que os estudos sobre redes sociais receberam significativa atenção. Segundo a autora, uma rede é uma metáfora para observar padrões entre as conexões de um grupo social. Esta é formada por dois elementos: os **atores**, que tratam-se das pessoas envolvidas na rede analisada, considerados nós, e as **conexões**, que são constituídas de laços sociais e representam as interações. No passado, o foco estava em estudar cada um desses elementos separadamente para entender o todo, porém hoje acredita-se que não é possível isolar os dois elementos (RECUERO, 2014).

Conforme Recuero (2014), as redes sociais se dividem em dois tipos. A primeira é chamada de **emergente**, que são aquelas que necessitam de interação entre os atores sociais. Para a autora, as redes emergentes “são redes cujas conexões entre os nós emergem através das trocas sociais realizadas pela interação social e pela conversação através da mediação do computador” (RECUERO, 2014, p. 94), como por exemplo o WhatsApp ou o Messenger. A autora afirma que as redes emergentes dependem do tempo disponível para a interação entre os atores, bem como seu comprometimento em criar um perfil, *weblog*, *fotolog*.

O segundo tipo é chamado de rede de filiação ou redes **associativas**, onde são estudados dois fatores, os atores/indivíduos e os eventos. Neste tipo de rede não há necessidade de interagir com os atores para manter uma conexão, pode-se apenas seguir ou adicionar outro usuário sem ter qualquer tipo de conversação como por exemplo o Twitter e o Tik Tok (RECUERO, 2014). Para melhor entender os tipos de redes apresentados por Recuero (2014), pode-se fazer uma conexão com os tipos de interações mediadas por computador apresentadas por Primo (2011).

Para Primo (2011), existem dois tipos de interações: mútuas e reativas. Interações **mútuas** são aquelas caracterizadas por relações interdependentes e processos de negociação, de forma que cada interagente participa da construção cooperada do relacionamento - quando

ambas as partes dialogam no processo. Já as **reativas** são limitadas por relações de estímulo-resposta - quando não há interdependência. Por exemplo, em um pedido de solicitação para amizade do Facebook, quando somente aceita-se ou não a solicitação, há uma interação reativa; já quando há uma conversa pelo *chat*⁶ para dar início ao convite, há uma interação mútua.

Recuero (2014) cita esses tipos de interações em seu texto e os relaciona com a perspectiva de laços de Breiger (1974 apud RECUERO, 2014), afirmando que as interações mútuas estão ligadas aos **laços relacionais**, pois estes são formados através de relações sociais, enquanto as interações reativas estão ligadas aos **laços associativos**, pois ambos constituem ideias de associação de um usuário ao outro sem formar necessariamente uma relação. A síntese das relações segundo Recuero (2014), Primo (2011) e Breiger (1974) podem ser comparadas na Quadro 1.

Quadro 1: relação entre os conceitos de Recuero (2014), Primo (2011) e Breiger (1974)

Tipo de Rede - Recuero	Tipo de Interação - Primo	Tipo de Laços - Breiger	Exemplos
Redes Emergentes	Interações Mútuas	Laços Relacionais	Desenvolvimento de uma conversa no Messenger
Redes Associativas	Interações Reativas	Laços Associativos	Seguir outro usuário no Twitter

Fonte: elaborado pelo autor de acordo com os conceitos dos autores (RECUERO, 2014; PRIMO, 2011; BREIGER, 1974), 2022

Essas interações, conforme Recuero (2014), referem-se a tudo que está relacionado a troca de conversas, mensagens, ações e reações que estão presente no processo de comunicação entre os atores no ciberespaço – ambiente onde os usuários (atores) interagem, produzem, debatem e se posicionam sobre diferentes assuntos.

Dessa forma, Primo (2011) reforça que esses ciberespaços proporcionam a quem os utiliza variadas experiências e trocas, seja para compartilhar sons, imagens ou vídeos, contatar pessoas e/ou discutir sobre assuntos específicos, por meio de variados serviços que, de certo modo, convocam os usuários a interagirem.

Esse ciberespaço seria formado então por Sites de Redes Sociais (SRS), definidos por Recuero (2014, p. 102) como “espaços utilizados para a expressão das redes sociais na internet”. Já segundo Ellison e Boyd (2013), sites de redes sociais são plataformas de

⁶ Conforme apontamentos de Recuero (2014), *chats* são as ferramentas de conversação por excelência da Rede, as chamadas salas de bate-papo.

comunicação em rede, em que participantes detêm “perfis de identificação única” - com informações fornecidas pelo próprio usuário, por outro usuários ou por dados do sistema - e com estes podem articular conexões e consumir, produzir e/ou interagir com fluxos de conteúdos de outros usuários.

Portanto, as popularmente conhecidas “Redes Sociais” são na verdade os Sites de Redes Sociais - sistemas, espaços na internet - enquanto o conceito de redes sociais é definido pela conexão de atores por meio de interações. Alguns exemplos de SRS são Twitter, Facebook, WhatsApp, Tik Tok e o Instagram, escolhido como espaço no qual o objeto de pesquisa desta monografia será analisado.

Recuero (2014) salienta que esses sites atuam como um suporte para as interações que acontecem dentro das redes sociais, pois são os atores quem na verdade constituem as redes e utilizam os sites. Portanto, os SRS amplificam a expressão da rede social e a conectividade dos grupos sociais.

Para a autora, constroem-se valores nesses sites de redes sociais, e a verificação do tipo de valor constituído em cada site pode auxiliar na percepção do capital social desses ambientes, bem como da sua influência para a formação de redes sociais. Assim, Recuero (2014) relaciona quatro tipos de valores que são mais comumente relacionados com esses sites: visibilidade, reputação, popularidade e autoridade.

A **visibilidade** é a possibilidade de os atores de uma rede social estarem mais conectados, sendo um valor por si só causado pela própria presença na rede, ou seja, o próprio fato de o ator ter um site de rede social e se conectar com o outro. Assim, quanto mais conexões um indivíduo tem, maior a possibilidade de receber informação, de manter laços sociais e de obter suporte social quando precisar (RECUERO, 2014).

A **reputação** é um dos valores principais, estando atrelada às ações do ator e também à forma como os demais atores captam e percebem essa ação e a sua impressão sobre o acontecimento. É compreendida como “a percepção construída de alguém pelos demais atores e, portanto, implica em três elementos: o ‘eu’, o ‘outro’ e a relação entre ambos” (RECUERO, 2014, p. 109). Os Sites de Redes Sociais permitem um maior controle das impressões que são emitidas e dadas, sendo, assim, extremamente efetivas para a construção da reputação. Diferente da visibilidade, a reputação não está necessariamente ligada ao número de

seguidores ou conexões feitas com outros usuários, é uma percepção qualitativa, relacionada a valores agregados (RECUERO, 2014).

A **popularidade** é um valor que se refere à audiência. Recuero (2014) cita como exemplo de métrica de popularidade de um ator na rede o seu número de conexões, comentários, visualizações, dados que quando vistos ou medidos são capazes de indicar sua influência na rede, ou seja, sua capacidade de influenciar uma quantidade expressiva de pessoas. A popularidade também trata-se do valor relativo à posição do ator dentro da sua rede social. “Um nó mais centralizado na rede é mais popular, porque há mais pessoas conectadas a ele e, por conseguinte, esse nó poderá ter uma capacidade de influência mais forte que outros nós na mesma rede” (RECUERO, 2014, p. 111).

Já a **autoridade**, segundo a autora, está relacionada à efetiva influência de um nó na rede, dependente da reputação de um ator, “compreende também reputação, mas não se resume a ela” (RECUERO, 2009, p. 113). Pode ser contabilizada pelo número de *links* que uma publicação desse usuário gera, estando esse preocupado com a repercussão e confiabilidade.

Esses valores são capazes de manter uma rede social, mas não de aprofundar os laços da mesma. Para que isso ocorra, Recuero (2014) salienta que é preciso a participação ativa dos atores, pois os sites de redes sociais somente são eficientes para o gerenciamento do capital social mais básico, que é o de influenciar os valores mais direcionados à construção e à manutenção da rede dos indivíduos.

Além de construir a própria rede, os sites de redes sociais também influenciam na produção dos atores. Para ilustrar isso, pode-se fazer uma interlocução com os conceitos de intimidade e *self* de Thompson (2002) e afirmar que os indivíduos podem criar e estabelecer uma forma de intimidade não recíproca com seus seguidores.

Para o autor, “o *self* não é visto nem como produto de um sistema simbólico externo, nem como uma entidade fixa que o indivíduo pode imediatamente e diretamente apanhar; muito mais do que isso, *self* é um projeto simbólico que o indivíduo constrói ativamente” (THOMPSON, 2002, p. 183). Ou seja, produz-se o *self*, o “eu”, a partir dos conjuntos de informações e materiais simbólicos que nos são colocados perante a vida em sociedade.

Com o avanço dos meios de comunicação, conforme abordado no subcapítulo anterior, houve um profundo impacto na autoformação dos indivíduos, pois conforme novas redes de comunicação mediada surgem, novas formas de conhecimento, informações e materiais simbólicos são produzidos. Thompson (2002, p. 185) afirma isto, indicando que o desenvolvimento da mídia enriqueceu essa autoformação reflexiva “no sentido de que, quando os indivíduos têm acesso a formas mediadas de comunicação, eles se tornam capazes de usar um extenso leque de recursos simbólicos para construir o *self*”.

Em relação à intimidade, é possível dizer que os meios de comunicação virtuais, que não compartilham os mesmos espaço-tempo entre os atores das redes sociais, possibilitam uma forma de intimidade “à distância”. Este tipo de intimidade é não recíproco, ou seja, permite aos indivíduos que os produzem, desfrutar de alguns benefícios da companhia sem precisar estabelecer uma interação (THOMPSON, 2002). Pode-se ver isso por exemplo em atores e atrizes, cantores e cantoras, com seus fãs, ou até no caso de influenciadores digitais com seus seguidores.

Essa prática de intimidade não recíproca pode gerar o surgimento de comunidades ou grupos de fãs ou seguidores de um ator, mas também pode gerar um profundo envolvimento pessoal e emocional do ator com sua comunidade, que, se não for recíproco, pode impactar inclusive na autoformação do *self* deste ator, fazendo com que o indivíduo sinta que perdeu o controle sobre sua vida (THOMPSON, 2002).

Portanto, seja de forma online ou offline, as redes sociais acabaram caracterizando-se como organismos vivos; formados - conforme apresentado anteriormente - por interações e laços sociais; que têm impactos profundos também na autoformação dos indivíduos; e que podem ser produzidas através dos Sites de Redes Sociais. Estes são os espaços que se utilizam para expressar as conexões sociais na internet, permitindo visibilidade e articulação e contribuindo para a produção do *self* por meio do conteúdo, bem como a manutenção desses laços que envolvem criador de conteúdo e seguidores

Por fim, no próximo capítulo faz-se uma apresentação breve do Instagram, Site de Rede Social que foi utilizado como meio de coleta nesta pesquisa, já apresentando também o objeto de pesquisa, a metodologia utilizada e as análises empreendidas a partir das coletas realizadas.

5 OLHANDO ATRAVÉS DA JANELA DA PATTY

Compreendendo as teorias indicadas e apreciadas até aqui, estruturou-se este capítulo com o objetivo de apresentar as metodologias utilizadas no trabalho e analisar e debater sobre os resultados que a pesquisa atingiu. Para tanto, fez-se uma construção de olhares, abrindo a janela e admirando os horizontes, para que se possa, então, adentrar por novas aberturas.

5.1 CONSTRUINDO OLHARES

Esta monografia foi desenvolvida a partir do questionamento: *como a geração de conteúdo sobre sexo e deficiência nas redes sociais interfere na percepção de corpo e na performatividade da sexualidade de pessoas com deficiência?* Para responder essa pergunta, optou-se por analisar o perfil do Instagram @janeladapatty, apoiando-se sobre uma metodologia de pesquisa social mediada por computador a fim de atingir alguns objetivos.

Neste trabalho tem-se como objetivo geral *compreender as possíveis interferências da geração de conteúdo sobre sexo e deficiência no Instagram sob a percepção de corpo e performatividade da sexualidade de pessoas com deficiência, a partir da perspectiva da criadora de conteúdo e do público do perfil @janeladapatty*. Por isso, o estudo se constituiu como uma pesquisa exploratória, que é realizada normalmente “quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis” (GIL, 2008, p. 27). Partindo deste pressuposto, definiu-se o método de pesquisa como qualitativo, pois está relacionado com interpretações de uma realidade social, assim como afirmam Bauer e Gaskell (2003). Utilizou-se do método qualitativo para ir além dos números, trabalhando com perspectivas históricas, culturais, sociais e subjetivas como a sexualidade e o corpo.

Para que fosse possível realizar as análises qualitativas, alguns dados quantitativos foram necessários, portanto definiu-se como metodologia a triangulação de métodos, apresentada por Johnson (2010). Segundo a autora, esse método “permite investigar indivíduos, grupos, organizações ou acontecimentos, e suas complexas interações e relações” e tem como característica a combinação de técnicas de pesquisa (não necessariamente três) para a compreensão de fenômenos sociais (JOHNSON, 2010, p. 86). Dentre as técnicas possíveis para a triangulação, optou-se por utilizar observação simples, entrevista em profundidade, análise de conteúdo e pesquisa bibliográfica.

As coletas e análises de dados foram realizadas através da técnica de observação simples, indicada por Gil (2008) como aquela em que o pesquisador permanece alheio à comunidade, grupo ou situação que pretende estudar, observando de maneira espontânea os fatos que aí ocorrem. Aplicou-se esta técnica para coletar dados suficientes para que fosse feita uma apresentação do perfil escolhido como objeto de estudo, assim como suas métricas, estrutura e a forma como a autora deste o constrói, trazendo também algumas informações fornecidas pela própria autora por meio da entrevista realizada posteriormente. Esta técnica também foi utilizada para coletar dados e conteúdos das publicações do perfil escolhidas para serem analisadas neste trabalho.

A partir disso, partiu-se para o cumprimento do primeiro objetivo desta monografia, que visava (a) *investigar a percepção da criadora do perfil @janeladapatty, Patricia Lorete, sobre a temática de sexualidade e percepção de corpo de pessoas com deficiência*. Para esta etapa aplicou-se o procedimento de entrevista em profundidade, que segundo Duarte (2005), é o recurso metodológico que busca recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte.

Esta entrevista foi realizada de forma semi-aberta, em agosto de 2022. Para o desenvolvimento da mesma, elaborou-se um questionário semi-estruturado (Apêndice B) que foi aplicado através de uma chamada de vídeo online entre o pesquisador e a entrevistada, com a autorização de uso dos dados (Apêndice A). Esta entrevista foi dividida em três blocos onde buscou-se compreender como surgiu a ideia da criação do perfil no Instagram, qual a percepção da entrevistada sobre a temática da pesquisa e como esta analisa o seu público e o desempenho do seu conteúdo.

A partir da entrevista, foi realizada análise de conteúdo. Esta foi feita a partir do método de Bardin (2011) que a define como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, separando-a em três etapas: pré-análise - onde é feita a organização do material coletado; exploração do material - onde o material é analisado; e tratamento dos resultados obtidos e interpretação - onde são feitas inferências e produzidas interpretações sobre o conteúdo.

O método de análise de conteúdo também foi utilizado para responder ao segundo objetivo específico da pesquisa, que buscava (b) *analisar a produção de conteúdo do perfil sobre a temática de corpo e sexualidade*. Para isso, delimitou-se o corpus desta pesquisa entre

os meses de janeiro e junho de 2022, por ser o período que antecedeu ao início da pesquisa dentro do ano corrente em que a mesma ocorreu. Dentre todas as publicações realizadas neste espaço temporal, foram selecionadas apenas aquelas que tratam da temática de percepção de corpo ou performatividade de sexualidade, resultando em 31 postagens. Após essa seleção, o conteúdo foi catalogado em cinco categorias temáticas, escolhendo-se a publicação com mais engajamento de cada categoria para desenvolver a análise.

Com as interpretações e inferências das entrevistas e das publicações, confrontaram-se todos os dados e resultados obtidos, chegando então à solução do terceiro objetivo de pesquisa: (c) *investigar pontos de contato entre o conteúdo publicado e a percepção do público e da criadora do perfil sobre a sexualidade/corpo de pessoas com deficiência.*

Por fim, contrastam-se os resultados obtidos nas análises com os estudos sobre corpo, sexualidade e deficiência apresentados neste trabalho nos capítulos dois e três, para que se chegasse às considerações da pesquisa. Estes estudos foram levantados por meio de pesquisa bibliográfica, utilizando como base os procedimentos de Stumpf (2005), que separa a pesquisa bibliográfica em 4 etapas: identificação do tema e assuntos, seleção das fontes, localização e obtenção do material e leitura e transcrição dos dados.

Neste sentido, nos próximos subcapítulos, abordam-se respectivamente, a apresentação do perfil @janeladapatty e suas métricas, a análise obtida através da entrevista realizada com a criadora de conteúdo e o mapeamento e análise dos conteúdos publicados no perfil, bem como a percepção do público, chegando assim às considerações da pesquisa no capítulo seis.

5.2 ABRINDO A JANELA

O Instagram é uma rede social online em que é possível compartilhar fotos, vídeos e conversar com outros usuários. O aplicativo iniciou suas atividades em 6 de outubro de 2010 com o propósito de fazer um resgate nostálgico do instantâneo vindos por meio das câmeras Polaroids⁷, para a valorização do momentâneo, do agora (PINTO; RIOS, 2017).

Nesse período, o aplicativo, criado pelos engenheiros de programação de software Kevin Systrom e Mike Krieger, tinha apenas a funcionalidade de publicar fotos aplicando filtros que ficavam à disposição do usuário na plataforma. (PINTO; RIOS, 2017). De lá pra cá, o Instagram cresceu e de acordo com a pesquisa da *We Are Social* com a *HootSuite*,

⁷ Criada na metade do século XX, por Edwin Land, a câmera Polaroid é um equipamento fotográfico que consiste em fotografar e imprimir as imagens instantaneamente (BUITONI, 2011).

publicada por Volpato (2022), o aplicativo já tem mais 122 milhões de usuários ativos no Brasil, sendo considerado o 3º mais utilizado no país.

No site os usuários podem fazer a publicação e a edição de fotos e vídeos no “*feed*” - que ficam disponíveis permanentes no perfil do usuário e são formadas por recursos como legendas, marcações de outros usuários e locais - e a publicação de “*stories*” - que tem a duração de vinte e quatro horas e um local de destaque acima do *feed* e no perfil de cada usuário. A interação entre eles se dá a partir de algumas opções: “seguir”, para que os usuários visualizem com frequência o conteúdo dos perfis que os interessam; “curtir”, quando os usuários informam que gostaram de um conteúdo; “salvar”, opção que permite marcar o conteúdo para ler novamente; “compartilhar”, permite enviar o conteúdo para outros usuários; e “comentar”, possibilita ao usuário dar sua opinião sobre os conteúdos (MOSSERI, 2021).

Assim, de acordo com as definições de sites de redes sociais, interações e laços vistas no último capítulo, pode-se considerar o Instagram uma rede tanto emergente, quanto associativa, gerando interações mútuas e/ou reativas, formando laços associativos ou relacionais, pois nela o usuário pode tanto seguir outros perfis, consumindo seu conteúdo, como também interagir com esses (RECUERO, 2014; PRIMO, 2011; BREIGER, 1974 apud RECUERO, 2014).

Existem ainda mais recursos disponíveis no Instagram, como a criação de grupos de interesses por algum assunto, utilização de links externos, vendas de produtos na “Loja”, entre outros, mas esta pesquisa concentra-se apenas nas opções de interações dos usuários com as publicações e com o perfil analisado.

O perfil @janeladapatty surgiu no Instagram em 17 de setembro de 2018, criado pela influenciadora carioca Patrícia Lorete (Patty). Antes disso foi criada a página de mesmo nome no Facebook, no dia 1º de junho de 2017, com o objetivo de abordar questões relacionadas à deficiência, capacitismo, inclusão, representatividade e acessibilidade. Hoje o perfil no Instagram já conta com mais de 17.600 seguidores e mais de 1.900 publicações (Figura 1).

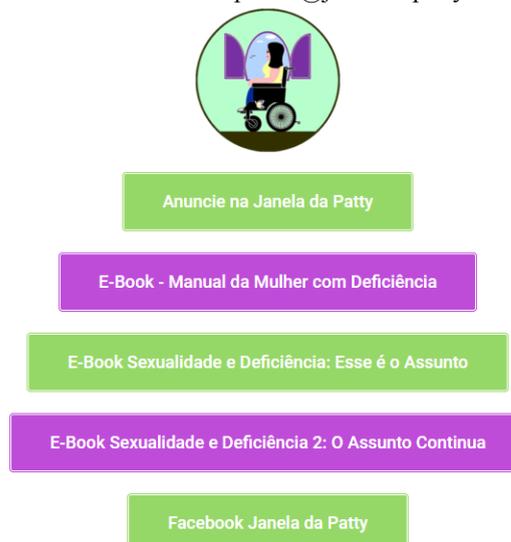
Figura 1 - Aparência do perfil @janeladapatty no Instagram



Fonte: perfil @janeladapatty no Instagram⁸.

Também pode-se ver na Figura 1, alguns dos destaques que a influenciadora fixou em seu perfil, como Depoimentos, Consultoria e Direitos PCD, onde o usuário pode conferir uma seleção de *stories* de cada temática. O perfil ainda conta com um *link* que direciona o usuário para um menu de conteúdos onde é possível fazer o download do *media kit* e dos três *e-books* escritos pela influenciadora, além do direcionamento para a página do Facebook (Figura 2).

Figura 2 - Menu de *links* do perfil @janeladapatty no Instagram



Fonte: perfil @janeladapatty no Instagram⁹.

⁸ Disponível em: <<https://www.instagram.com/janeladapatty/>> Acesso em 12 set. 2022

⁹ Disponível em: <<https://janeladapatty.com.br/links-intagram/>> Acesso em 12 set. 2022

Dentre as publicações, Patrícia optou por manter duas delas fixadas nas primeiras posições do perfil (Figura 3). A primeira, sobre palavras que não são mais usadas para se referir a pessoas com deficiência, soma 2.076 curtidas, 87 comentários, 2.066 compartilhamentos, 470 salvamentos e 230 novos seguidores. A segunda, em que Patrícia se apresenta, possui 393 curtidas, 26 comentários, 30 compartilhamentos, 25 salvamentos e 8 novos seguidores¹⁰. A criadora de conteúdo comentou em entrevista que optou por fixar a primeira publicação pois foi a que trouxe mais engajamento e seguidores para o seu perfil e a segunda porque apresenta a influenciadora para quem chega no perfil e não a conhece. Ainda segundo Patrícia, o perfil aumenta cerca de 4.000 seguidores por ano e suas publicações alcançam uma média de 11.000 usuários, sendo que o número sobe para 19.000 quando são *reels*¹¹, enquanto os *stories* giram em torno de 1.000 visualizações. Sobre o engajamento do perfil (curtidas, comentários, salvamentos e compartilhamentos) a média fica em torno de 850 por publicação.

Figura 3 - Publicações fixadas no perfil @janeladapatty no Instagram



Fonte: perfil @janeladapatty no Instagram¹².

A partir desses dados coletados, e baseado nas definições de Mosseri (2021), Recuero (2014) e Primo (2011), pode-se perceber que o Instagram se apresenta como uma rede emergente para Patrícia, pois a permite criar interações mútuas com seus seguidores através dos comentários, curtidas e compartilhamentos, porém também se mostra como uma rede associativa, pois apesar de ter mais de 17 mil seguidores, as publicações alcançam uma média pequena de interações, demonstrando que boa parte dos usuários apenas a segue e acompanha sem se engajar.

¹⁰ Dados fornecidos por Patricia Lorete em 11 set. 2022

¹¹ Reels são vídeos curtos, de até 90 segundos, publicados na plataforma que possuem um *feed* a parte e alcançam mais usuários.

¹² Disponível em: <<https://www.instagram.com/janeladapatty/>> Acesso em 12 set. 2022

Outra característica que demonstra que a plataforma é uma rede emergente, no caso da influenciadora, é o tempo dedicado ao perfil. Recuero (2014) afirma que esse tipo de rede depende de um tempo disponível para a interação com os atores e de comprometimento para a criação do conteúdo, e Patrícia diz dedicar boa parte do seu tempo para a página. A criadora de conteúdo afirma que faz tudo sozinha¹³, incluindo artes e textos. Publica de segunda-feira a sábado, preparando um conteúdo por dia, e ainda assim não “dá conta” de responder todas as interações.

As métricas coletadas para esta pesquisa também podem ser analisadas através dos 4 valores que Recuero (2014) relaciona com os Sites de Redes Sociais. A visibilidade, segundo a autora, está relacionada com a possibilidade de os atores de uma rede estarem conectados, quanto mais conexões um indivíduo tem, maior a possibilidade de receber informações e manter laços. Pode-se associar esse valor com a quantidade de seguidores e alcance que o perfil @janeladapatty atinge, pois, com mais de 17 mil seguidores e 11.000 usuários alcançados por publicação, a chance da influenciadora criar laços e receber suporte é grande.

Porém, ao relacionar a visibilidade com os laços criados, pode-se ver que a popularidade da criadora não é tão expressiva. Recuero (2014) afirma que a popularidade pode ser medida pelo número de conexões, comentários e visualizações do ator em uma rede, sendo capaz de indicar sua influência nesta. No Instagram consideram-se como métricas desse valor o número de curtidas e comentários nas publicações, e no perfil analisado essas métricas tem médias de 590 e 45, respectivamente, demonstrando que o nível de influência da criadora perante os seus seguidores ainda é baixo.

Já a reputação é um valor analisado de forma positiva pela influenciadora. Segundo Recuero (2014), esse é um dos principais valores, pois está relacionado à percepção do público sobre o ator principal da rede. Neste caso, Patrícia cita que percebe o reconhecimento sobre sua reputação:

Não me via [como influenciadora], mas agora eu to passando a me ver, é, não só porque quando eu indico, por exemplo, indiquei um livro, cinco pessoas compraram aquele livro, ou quando aconteceu, eu fui chamada para o Teleton 2020, aí a pessoa falou: “a gente tá chamando influenciadores com deficiência”. Então as pessoas já estão me dando esse título e eu to, sim, me reconhecendo, até porque ano passado eu assinei meu primeiro

¹³ Importante ressaltar que, diferente de outros influenciadores, Patrícia possui uma limitação nos movimentos, devido à sua deficiência, e por isso usa apenas o polegar de uma das mãos para digitar, como podemos ver no vídeo disponível em <<https://www.instagram.com/reel/Cg68ZTmltL5/>> Acesso em 21 set. 2022

contrato como influenciadora pra uma grande empresa de medicamentos (Patrícia).

Porém, é importante destacar que não é possível realizar a validação dessa reputação, por ser uma métrica mais subjetiva. Trata-se, portanto, de uma percepção e autoanálise da influenciadora, não sendo aplicado um estudo reputacional.

Ainda relacionada à reputação, está a autoridade, que segundo Recuero (2014) pode ser contabilizada pelo número de links que uma publicação desse usuário gera. Portanto, pode-se considerar como métrica de autoridade no Instagram o número de compartilhamentos e salvamentos das publicações de um perfil, que no caso de Patty ficam em média de 320 e 70, respectivamente, demonstrando que o público consome seu conteúdo mais de uma vez e o indica para outros usuários.

Quanto ao público, o perfil tem cerca de 70% do seu público feminino, dividido principalmente entre as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, com idades entre 25 e 45 anos, em sua maioria. A influenciadora ainda afirma que grande parte do seu público é de pessoas com deficiência, profissionais da saúde, pedagogos, namorados e parceiros sem deficiência, sendo o primeiro aquele que mais engaja com o perfil, principalmente por se identificar e sentir-se representado.

5.3 OLHANDO PARA O LADO DE DENTRO

É importante, também, olhar para o lado de dentro desta janela, para que se possa compreender como foi a construção desse perfil, de onde vêm as inspirações para a produção do conteúdo, como a percepção de corpo e performatividade de sexualidade atravessam a influenciadora e como esta percebe a temática aplicada em vivências de pessoas com deficiência.

Portanto, aplicou-se a entrevista seguindo o roteiro (Apêndice B), iniciando com uma apresentação pessoal da influenciadora. Patricia Lorete se define como uma mulher com uma deficiência grave, sem cura, que tem como característica principal a fraqueza muscular generalizada, ou seja, não tem movimentos. Nasceu em 1980, pegando o começo do processo de inclusão social, portanto cresceu sem nenhuma representatividade. Viveu muito o capacitismo e decidiu criar o Janela porque queria mostrar para as pessoas a representatividade que nunca teve.

É uma mulher que aceita muito bem sua deficiência, referindo que esta não é o problema em si, e sim a ausência de estruturas de acessibilidade por não possuir recursos financeiros suficientes. Neste ponto a influenciadora já introduz a ideia do Modelo Social da Deficiência, apresentado por Diniz (2007), o qual coloca sobre a sociedade a responsabilidade de fornecer acessibilidade, em todas suas dimensões, para que a pessoa com deficiência possa conviver. É formada em Gestão dos Recursos Humanos e pós-graduada em Saúde Mental e Atenção Psicossocial e usa também sua formação no trabalho com o perfil. Filha caçula, com 42 anos - tem um irmão de 46, uma irmã de 43 e três sobrinhos - afirma ser muito simpática. Gosta de poesia, chocolate preto, Djavan, Clarice Lispector e conversa de bar. Teve uma criação simples, pois é neta de vendedor de laranja e filha de carpinteiro.

Patrícia ainda conta que foi vítima de muito engano, pois o primeiro remédio para tratamento da Atrofia Muscular Espinhal (AME), doença que possui, surgiu em 2020, mas antes disso seus pais já haviam vendido as alianças de casamento para comprar um remédio que nunca existiu. Explica que terminou o ensino fundamental e ficou 15 anos sem estudar até conseguir fazer o ensino médio, pois não tinha como se locomover até a escola. Depois, conseguiu uma bolsa na faculdade pelo ProUni¹⁴ e fez sua pós-graduação, sendo, hoje, “*a mais estudada da família*”. Finaliza a resposta ao primeiro questionamento afirmando que o estudo “*abriu a sua cabeça*” e por isso é uma mulher muito simples e consciente da sua história e seus direitos.

Em seguida, quando questionada sobre “o que é sexualidade?” Patrícia afirma que as pessoas fazem uma confusão entre sexualidade e sexo. Segundo ela, todo mundo tem a sexualidade dentro de si. Ter uma pessoa para conversar, ir ao cinema, fazer um cafuné também é sexualidade, está presente desde o nascimento, é algo constitutivo. Já o sexo é o ato em si e, para a influenciadora, cometemos o erro de criar um padrão de sexo, e continua:

quando a gente fala de humano não tem como a gente criar padrão pra nada, justamente porque nós somos indivíduos. [...] Ai as pessoas com deficiência estão mais uma vez prejudicadas pelo padrão do sexo, que é o padrão penetrativo, o padrão que o homem tem movimento, força, que o homem fica por cima, né, a mulher, ela é vulnerabilizada, a mulher com deficiência, porque ela tem que ter aquele “corpão”, aquele corpo atraente, aquele corpo sem marca, aquele corpo simétrico, e a gente não tem, sobretudo quem tem deficiência degenerativa como o meu caso, por quê? Porque ela causa atrofias, ela atrofia o corpo, então a gente tá muito fora do padrão mesmo. [...] E a gente vai, assim, passando por marcadores e

¹⁴ Iniciativa do governo brasileiro que oferece bolsas de estudos em faculdades particulares para estudantes de baixa renda que ainda não tenham um diploma de nível superior.

aumentando a opressão, é pessoas com deficiência homossexuais, essas pessoas arrumam menos namorados ainda (Patrícia).

Esse trecho está diretamente ligado aos conceitos de Freud (1972 apud SENEM; CARAMASCHI, 2017), para quem a sexualidade está presente desde o início da vida humana, e de Nunes e Silva (2000 apud SENEM; CARAMASCHI, 2017) que apresentam o conceito como uma dimensão humana, dialógica e cultural, e não animal ou reprodutiva. A fala de Patrícia também concorda com Louro (2013), que afirma que os corpos considerados fora do padrão são marginalizados culturalmente.

Ainda, pode-se relacionar tal passagem aos estudos de Marco (2020) quando este diz que um corpo com deficiência está fora dos padrões estéticos, como sendo um corpo não funcional, e com Mello (2014), que acredita que além de se aplicar sobre as pessoas com deficiência a heteronormatividade, também está aplicada a corponormatividade, sendo inferido sobre essas uma dupla normatização.

Com esta fala também podemos retomar os conceitos de Louro (2013), Marco (2020) e Alves (2021), pois para existir um corpo fora do padrão, precisa existir um padrão, ou seja, um não se sustenta sem o outro, a existência de um corpo dito com deficiência pauta e afirma a existência de um corpo-regra, um corpo padrão, ambos tornam-se indispensáveis mutuamente.

Durante a entrevista, questionando Patrícia sobre o surgimento dessa temática em sua vida, a criadora de conteúdo explica que, quando começou a ter acesso à internet e ver outras pessoas com deficiência que trabalhavam e estudavam, levou um susto: "*Como assim um homem com AME 2 que transa?*" (Patrícia). Então conheceu uma amiga do Rio Grande do Norte que tem escoliose e publicava fotos usando "tomara que caia", vestido longo, calça jeans, e começou a guardar fotos dessa amiga em seu computador. Com o passar do tempo, foi entrando em conflito interno, achando que estava apaixonada pela amiga, ou que era lésbica, e na terapia descobriu que estava apaixonada pela coragem dela, que estava admirando outras mulheres pois queria aquele corpo, não aceitava o seu. Conforme conversava com outras mulheres, desvendava novas possibilidades, questionava suas próprias escolhas de roupas, se redescobria. Então surgiu a vontade que outras mulheres, outras pessoas com deficiência também se redescobrissem.

Neste trecho, é interessante analisar que o mesmo exemplo também foi citado por Marco (2020) que afirmou começar a entender o que era sexualidade a partir do momento que

passou a ver outros homens e desejar ser igual a eles, criando em sua cabeça uma situação confusa, pois não sabia se os desejava sexualmente ou se queria ser que nem eles corporalmente. Isto remete que, no caso das pessoas com deficiência, a descoberta do corpo e da sexualidade, é de alguma forma atravessada pelo reconhecimento do corpo alheio, e que talvez, por uma falta de incentivo, essa descoberta é tardia, pois ambos a tiveram depois da adolescência.

Ainda, sobre sexualidade, Patrícia relata que tem dificuldade de se relacionar com alguém que não sabe como o seu corpo funciona. Explica que seu primeiro beijo foi com quase 33 anos, portanto teve poucas experiências sexuais, pois não consegue ter uma relação casual, visto que tem que explicar algumas particularidades do seu corpo antes do sexo acontecer - por exemplo, como lhe virar, tirar a roupa, onde colocar o peso - e para isso, precisa sentir-se a vontade com a pessoa. Fora o fato de ser uma mulher mais vulnerável que as outras, pois não consegue correr, não tem força pra gritar e pedir ajuda, são coisas que afligem e a tornam vulnerável. Com isso, a influenciadora concorda com Marco (2020), quando diz que a sexualidade surge na relação com o próprio corpo, identificando toques, desejos e percepções sobre si.

Ao questionar a influenciadora sobre o impacto da deficiência na descoberta da sexualidade, esta afirma que há muitos mitos que atrapalham esse processo. No caso dos homens com deficiência se aplica o mito sobre a falta de ereção, mas, segundo Patrícia, nem todos os homens que estão na cadeira de rodas tem falta de sensibilidade, homens com AME por exemplo tem sensibilidade total, lubrificação total, assim como uma pessoa típica¹⁵, contudo sempre depende da deficiência e do grau. Outro tabu que atrapalha o processo de descoberta da sexualidade masculina é a cobrança de ter que performar com força e movimentação, tal qual um homem sem deficiência deve fazer.

Para as mulheres com deficiência a opressão recai sobre o corpo, é comum pensarem que seu corpo não é capaz de dar prazer. Isso acontece pois passam por muitas experiências de “conserto” - como cirurgias de correção de pés, de quadril, de joelho, de coluna - e acabam internalizando uma ideia de que seu corpo é errado, induzindo pensamentos como: “*será que essa pessoa que está me tocando vai ter prazer? Será que vou conseguir dar prazer?*”. Por isso as relações sexuais e amorosas de pessoas com deficiência são melhor sucedidas quando há muito diálogo prévio, quando a essas conseguem “colocar as cartas na mesa”, indicando o

¹⁵ Nomenclatura também utilizada para se referir a pessoas sem deficiência

que consegue fazer, o que não consegue, como seu corpo reage, como não reage, e para isso o conhecimento sobre o corpo é muito importante.

Esses relatos retomam a perspectiva de gênero apresentada por Weeks (2010), Louro (2013) e Piccolo (2012), demonstrando que os papéis masculino/feminino, e conseqüentemente também a sua opressão, são reforçados sobre as pessoas com deficiência. Essa opressão é exemplificada por Patrícia quando afirma: *“pra mulher é mais fácil ela se relacionar com um homem com deficiência porque a sociedade já acha que o papel da mulher é cuidar”* e *“nós mulheres, é, nós temos muitos relatos, eu, também, pessoal, de homens que adoram essa falta de movimento porque leva eles a pensar em submissão [...], e é esse tipo de fetiche que eu tenho medo de sair do controle e eu não poder me defender”*.

Além de afirmarem uma binaridade de gênero colocada sobre esse sujeitos, essas falas também expõem como o capacitismo ocorre sobre os corpos, comprovando os conceitos de Alves (2020), Dias (2013) e Mello (2014) que o definem como um preconceito aplicado sobre as pessoas com deficiência e apoiado sobre uma idéia errônea da prevalência de um corpo plenamente capaz, com todas as funcionalidades em perfeito estado. Marco (2020) explica que muitas pessoas acreditam que com esforço, o indivíduo consegue deixar de ter uma deficiência, como se a cura fosse o objetivo final das pessoas com deficiência, como se a passabilidade, termo também apresentado pelo autor, fosse a meta.

Sobre corpo, também foi questionado o processo de descoberta do corpo para pessoas com deficiência. A influenciadora conta que para essas pessoas o processo é muito mais difícil, principalmente porque há uma infantilização do adulto com deficiência, como se este tivesse uma inocência que não tem mais, como se não pensasse em sexo. Patrícia explica que, na maioria das vezes, essa infantilização vem da família, inicialmente não oferecendo orientações sobre sexualidade.

Eu fui criada com dois irmãos escadinha, né, minha irmã tem 43 e eu tenho 42, e o mais velho 46, então a minha vida toda eu ouvi meus pais falando deles namorarem e do casamento, pra eles, pra mim nunca. Na descoberta do corpo existem, é, a gente tem pessoas adultas com deficiência que nunca conseguiram se tocar, nunca tiveram orgasmo através da masturbação [...]. Quando eu falava, por exemplo, de namorar, meu pai, minha mãe sempre dizia: “namorar? Você, você sabe o que eles vão querer, né? Eles vão querer aproveitar de você”, então eu sempre achei que, que os caras, que eu só tinha um par de peitos e uma vagina pra oferecer (Patrícia).

Observa-se neste trecho a exemplificação da vivência de Marco (2020) quando aponta que a sociedade infantiliza a pessoa com deficiência por não saber lidar com seus corpos. Piccolo (2012) refere que existem, sim, crianças com deficiência intelectual, principalmente, que são dependentes dos pais ou cuidadores, porém, Patrícia reforça que o mais comum no processo de descoberta desses indivíduos é a superproteção materna. Fica evidente na fala da influenciadora a concordância com a citação de Marco (2020, p. 35): "Infantilizar uma adulta PcD é dizer para ela que ela não é autônoma, e que ela não tem condições de saber o que é melhor para si. Uma criança necessita de cuidado, assim como, no imaginário social, uma pessoa com deficiência".

No terceiro bloco da entrevista, os questionamentos foram mais voltados para a atuação no perfil do Instagram. A criadora de conteúdo responde sobre a divisão de temas no perfil e explica que o seu foco central está em trazer assuntos que envolvam a deficiência sob a ótica do modelo biopsicossocial, isto é, sem tratar a deficiência só enquanto impedimento corporal, mas sim como saúde mental, sexualidade, esmiuçando-a.

Aqui vale retomar os conceitos de Diniz (2007) e Piccolo (2012) quando explicam o modelo médico de compreensão da deficiência - que foca na lesão do indivíduo, buscando corrigi-la para tornar o sujeito o mais próximo de um padrão de corpo saudável - e o Modelo Social da Deficiência - que transfere para a sociedade a responsabilidade da opressão sobre essa comunidade. O modelo biopsicossocial é apresentado pela influenciadora como o mais correto atualmente, pois os impedimentos do indivíduo são considerados juntamente com as barreiras sociais, ou seja, a experiência da deficiência ocorre quando o corpo com impedimento entra em contato com as barreiras produzidas pela sociedade.

Quanto ao tema mais complexo de abordar, segundo a influenciadora, Patrícia aponta o devotismo¹⁶, e acrescenta que não expõe muito sobre a temática no perfil porque as pessoas, principalmente as mulheres, acreditam que se trata de uma doença.

Eu tenho formação em saúde mental, eu sei o que to falando, eu sei que no DSM-5¹⁷, se eu falar que uma parafilia é doença, eu posso perder meu diploma. Então jamais eu posso falar que o devotismo, que é uma parafilia, o que é parafilia? Parafilia é um desejo sexual atípico [...]. Essas pessoas também, elas não conseguem perceber o quanto é capacitista, é, achar que uma pessoa não pode sentir atração pela sua escoliose, porque a sua

¹⁶ Nome dado à parafilia que distingue pessoas que sentem atração por pessoas com deficiência ou por partes do corpo onde a deficiência se instaura.

¹⁷ Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (5ª edição).

escoliose faz parte do seu corpo. A gente legitima pessoas com desejo por bunda, com desejo por pé, mas quando fala que é desejo por escoliose, “opa, não, escoliose não”. Sabe, a gente acha doentio uma pessoa gostar de uma escoliose porque é atípico, e a atipicidade não é doença (Patrícia).

Importante destacar que a influenciadora aborda a sexualidade de pessoas com deficiências físicas em seu perfil, isto é, não se aprofunda no universo das pessoas com deficiência intelectual, como Síndrome de Down e Paralisia Cerebral.

Por fim, quando questionada sobre o limite de exposição e como se sente compartilhando suas experiências, a influenciadora afirma que, ao criar o perfil, teve a ilusão de que não iria se expor, e conseguiria separar o pessoal do profissional, porém, notou que era importante contar sobre sua vivência para ajudar outras pessoas. Também explica que falava mais abertamente nos *stories*, porém sua família começou a acompanhá-la por lá, então voltou atrás. Também há um limite comercial, pois tem empresas que a veem e buscam pelos seus serviços através do perfil, o que faz com que não compartilhe experiências íntimas ou use imagens mais explícitas nas publicações.

Nesta última resposta pode-se retomar os conceitos de *self* e intimidade de Thompson (2002) que disserta que um indivíduo produz o “eu” a partir de conjuntos de informações e materiais simbólicos que se colocam na vida em sociedade, incluindo a internet, e que nesta tem a possibilidade de criar uma forma de intimidade com seus seguidores e fãs. No entanto, essa intimidade pode acabar limitando suas ações e, quando não recíproca, impactar na formação do *self*. Porém, no caso de Patrícia, a troca de interações e informações íntimas acontece com seus seguidores, principalmente por mensagens de apoio e informação, fazendo com que o processo impacte na formação do *self* de ambos atores.

No próximo subcapítulo será apresentado o corpus de pesquisa, fazendo-se uma análise de publicações dos principais assuntos dentro da temática de sexualidade do perfil, identificando como as interações do público contrastam com as falas da influenciadora.

5.4 BUSCANDO O LADO DE FORA

Conhecido o lado de dentro da janela, procura-se olhar para o lado de fora, para que se possa comparar os horizontes. Portanto, a partir do corpus coletado, foi organizado o Quadro 2, onde as 31 publicações com a temática sexualidade estão categorizadas em 5 assuntos

centrais, acompanhadas de suas respectivas datas, links, formatos e métricas de curtidas e comentários.

Quadro 2: relação das publicações realizadas com a temática corpo e sexualidade dentre o período analisado na pesquisa

Data	Link do post	Formato	Assunto	Comentários	Curtidas	Total de interações
03/01/2022*	https://www.instagram.com/p/CYRUkUsu7mL/	Imagem única	empoderamento sexual	20	292	312
05/01/2022	https://www.instagram.com/p/CYWdtAausYe/	Imagem única	relacionamentos sexuais e/ou amorosos	33	752	785
07/01/2022	https://www.instagram.com/p/CYboQNGrIAq/	Imagem única	sedução e desejo	42	623	665
10/01/2022*	https://www.instagram.com/p/CYjWTnHOCH9/	Carrossel	devoteísmo	60	424	484
11/01/2022*	https://www.instagram.com/p/CYI8WnILFI5/	Imagem única	empoderamento sexual	24	410	434
20/01/2022	https://www.instagram.com/p/CY9CD-TuZnT/	Imagem única	relacionamentos sexuais e/ou amorosos	49	617	666
29/01/2022	https://www.instagram.com/p/CZUN-qgOQiK/	Imagem única	paternidade/maternidade	22	697	719
02/02/2022	https://www.instagram.com/p/CZejq04O30C/	Imagem única	paternidade/maternidade	17	371	388
08/02/2022*	https://www.instagram.com/p/CZt_xJGO34r/	Imagem única	relacionamentos sexuais e/ou amorosos	55	201	256
14/02/2022	https://www.instagram.com/p/CZ9c4wFOHoe/	Carrossel	sedução e desejo	33	464	497
26/02/2022	https://www.instagram.com/p/CacYCv_xOCd3/	Imagem única	sedução e desejo	14	278	292
03/03/2022	https://www.instagram.com/p/CapNBnbu68b/	Carrossel	relacionamentos sexuais e/ou amorosos	40	792	832

09/03/2022	https://www.instagram.com/p/Ca4li3KONO2/	Carrossel	empoderamento sexual	20	419	439
10/03/2022	https://www.instagram.com/p/Ca7MTcWurQz/	Carrossel	relacionamentos sexuais e/ou amorosos	26	318	344
16/03/2022**	https://www.instagram.com/p/CbKp7FNrLZv/	Carrossel	empoderamento sexual	16	312	328
24/03/2022	https://www.instagram.com/p/CbfOGVlOmOo/	Carrossel	paternidadede/ maternidade	32	575	607
28/03/2022	https://www.instagram.com/p/CbpjIKlucsk/	Imagem única	sedução e desejo	22	455	477
29/03/2022	https://www.instagram.com/p/CbuqSlZOB31/	Carrossel	empoderamento sexual	5	331	336
12/04/2022	https://www.instagram.com/p/CcQH5kKOfJh/	Imagem única	devoteísmo	47	348	395
19/04/2022	https://www.instagram.com/p/CciM1AjOLzV/	Imagem única	relacionamentos sexuais e/ou amorosos	63	500	563
27/04/2022	https://www.instagram.com/p/Cc2wSE2OCLo/	Imagem única	empoderamento sexual	23	399	422
06/05/2022	https://www.instagram.com/p/CdN8sG6OIVr/	Imagem única	paternidadede/ maternidade	11	357	368
10/05/2022	https://www.instagram.com/p/CdYP0oyOVAq/	Carrossel	relacionamentos sexuais e/ou amorosos	110	1500	1610
04/06/2022	https://www.instagram.com/p/CeYImHbOUuD/	Carrossel	relacionamentos sexuais e/ou amorosos	103	968	1071
07/06/2022	https://www.instagram.com/p/CegVazYN4rW/	Carrossel	paternidadede/ maternidade	38	443	481
12/06/2022**	https://www.instagram.com/p/CetMJ1lO8_m/	Carrossel	relacionamentos sexuais e/ou amorosos	81	896	977

15/06/2022	https://www.instagram.com/p/Ce06odTN5Ra/	Carrossel	relacionamentos sexuais e/ou amorosos	43	803	846
20/06/2022	https://www.instagram.com/p/CfBymSDhUNB/	Imagem única	relacionamentos sexuais e/ou amorosos	30	477	507
22/06/2022*	https://www.instagram.com/p/CfG8nMquiM1/	Carrossel	devoteísmo	70	491	561
25/06/2022	https://www.instagram.com/p/CfOqIBjtSHz/	Carrossel	relacionamentos sexuais e/ou amorosos	19	546	565
28/06/2022	https://www.instagram.com/p/CfWYGGLOtVr/	Carrossel	empoderamento sexual	29	401	430

Fonte: elaborado pelo autor a partir da coleta feita no perfil @janeladapatty no Instagram¹⁸

Neste quadro, foram destacadas algumas publicações. Entre elas, as dos dias 3, 10 e 11 de janeiro, 8 de fevereiro e 22 de junho, sinalizadas com asterisco (*), as quais o conteúdo apresentado em texto na legenda não suportou o limite de caracteres definido pela plataforma (2.200), portanto Patricia optou por continuar o conteúdo em um comentário próprio na publicação. Os conteúdos dos dias 16 de março e 12 de junho foram feitos em parceria com outros perfis, o que chamamos de “posts colaborativos”, sendo o primeiro compartilhado com o perfil @nossolugarpcd e o segundo com o perfil @psi.gabrielaneiva. As curtidas e comentários destas publicações apresentadas no quadro se referem aos dois perfis, podendo ser interações vindas de um perfil, de outro ou de ambos. Além disso, também nota-se no quadro a categorização da temática, delimitando-a em 5 assuntos principais: empoderamento sexual, paternidade e/maternidade, devoteísmo, relacionamentos sexuais e/ou amorosos e sedução e desejo.

A partir do quadro faz-se múltiplas leituras. Analisando as datas de publicação é possível identificar que os meses de janeiro, março e junho concentram o maior número de conteúdos, este último, em específico, por conta do Dia dos Namorados, comemorado dia 12 de junho, justificando o foco na temática de sexualidade.

Quanto ao formato, Primo (2011) reforça que os ciberespaços proporcionam variadas experiências, seja por meio de imagens, vídeos, relatos, textos, que convocam os atores a interagirem em uma rede. Já Recuero (2014) destaca a importância da frequência de

¹⁸ Disponível em: <<https://www.instagram.com/janeladapatty/>> Acesso em 13 ago. 2022

publicações para a interação, para que se aprofundem os laços. Neste sentido, Patrícia afirma que tem consciência sobre a importância da variedade de formatos e da frequência, pois em 2020 fez um curso rápido de marketing para o Instagram e começou a buscar dicas na internet sobre a performance da plataforma. Com isso descobriu que os formatos com mais alcance são vídeos e carrosséis (conjunto de até dez imagens em uma única publicação), porém, devido a falta de mobilidade e acessibilidade, não consegue produzir tantos vídeos, pois depende de assistência da família, então tem focado em criar mais carrosséis com conteúdo interativos. É possível ver isto no quadro, pois este formato aparece com tanta frequência quanto publicações de imagem única.

Referente aos assuntos, vemos que o mais recorrente é sobre relacionamentos amorosos e sexuais de pessoas com deficiência, responsável por 12 publicações, e conseqüente o que tem mais interações, 9.022. Em seguida têm-se os assuntos de empoderamento sexual, com 7 conteúdos e 2.701 interações; paternidade e maternidade, com 5 conteúdos e 2.563 interações; sedução e desejo, com 4 conteúdos e 1.931 interações; e por fim devotismo, com 3 conteúdos e 1.440 interações. No entanto, pode-se ressaltar que os conteúdos sobre devotismo são aqueles com segunda maior soma de comentários e as publicações sobre empoderamento como a segunda abordagem que mais soma curtidas.

Levando em consideração as métricas de engajamento, optou-se por analisar a publicação de cada temática que mais obteve engajamento, sinalizadas em cinza no Quadro 2, para que o corpus de interações fosse mais representativo. Para a análise das cinco publicações sinalizadas no quadro 2, novos dados foram fornecidos pela influenciadora, como: compartilhamentos, salvamentos do conteúdo, e quantidade de usuários que começaram a seguir o perfil a partir de cada um.

A primeira publicação analisada, sobre relacionamento (Figura 4), feita em 10 de maio, apresenta frases para não se dizer a um casal no qual apenas um dos dois tem deficiência. Ao todo são dez imagens com uma legenda de apoio, que segue após a Figura 4. O conteúdo registrou 1.500 curtidas, 110 comentários, 1.079 compartilhamentos, 173 salvamentos, levando a 150 novos seguidores para o perfil e contabilizando 3.012 interações.

Figura 4 - Publicação com o assunto relacionamento sexual e/ou amoroso de pessoas com deficiência



Fonte: perfil @janeladapatty no Instagram¹⁹.

Qual pessoa com deficiência que ao namorar alguém sem deficiência nunca ouviu aquela frase mega constrangedora?

Como vivo dizendo, o capacitismo nos alcança de várias formas e, com toda certeza, ele não ficaria de fora da área amorosa da pessoa com deficiência.

Para dar uma ajudinha no que não falar para um casal no qual um deles não tem deficiência elaborei esse post! E basicamente se resume em:

Qualquer frase, palavra ou colocação, que insinue que a pessoa com deficiência arrumou um cuidador, que é um milagre alguém gostar dela, que a pessoa está cometendo um equívoco ao ficar com a pessoa com deficiência, devem ser evitadas. Ok? 👍

Talvez você ainda não entenda porque alguém sem deficiência fica com quem tem deficiência e isso, além de ser reflexo do capacitismo, mostra o quanto você precisa se desconstruir!

Afinal, você não acha estranho um casal sem deficiência não é mesmo? E por que seria estranho um casal formado por alguém com deficiência? Apenas pela diferença de corpos?

Antes da deficiência e, acima dela, somos todos humanos, e o amor é para todos! 😊

Esse pensamento fechado reside na incapacidade de enxergar a pessoa com deficiência além da sua deficiência, por inteira.

Quem usa cadeira de rodas, muleta, andador, prótese, aparelho auditivo, que não enxerga, que tem uma marcha diferente, que não se mexe, etc, tem

¹⁹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CdYP0oyOVAq/>> Acesso em 11 set. 2022

total capacidade de fazer uma pessoa feliz romanticamente Visto que uma relação é muito mais que o contato entre dois corpos.

A conversa, a personalidade, os valores, a história de vida, a simpatia, a inteligência, a companhia agradável, são fatores altamente atrativos e a deficiência não tira isso de ninguém!

Por isso, preste atenção na hora de fazer qualquer comentário para um casal no qual apenas um deles tem deficiência... Considere justa toda forma de amor! 😊

Diga nos comentários... Você já ouviu frases desse tipo? Conhece outras frases para não se dizer?

Ah, não esqueça de compartilhar esse post para que essa informação chegue ao maior número de pessoas 😊

Todas as postagens do Janela da Patty sobre sexualidade e relacionamento você encontra na hashtag #sexualidadejanela

Obs: o post contém texto alternativo.

A partir da legenda e das imagens, pode-se perceber que Patrícia escreve de maneira informal, informativa e educativa, como se dirigindo para alguém que não possua deficiência, características que observam-se também nas outras publicações do perfil. Outro detalhe, que também é percebido em outros textos do @janeladapatty, é a finalização com algum questionamento ou sugestão de interação e com a divulgação dos seus *e-books* e *hashtags*.

Quanto ao conteúdo da publicação selecionada (Figura 4), percebe-se uma semelhança à fala de Patrícia na entrevista quando trata da padronização dos corpos, pois assim como não é possível, segundo ela, criar um padrão de corpo ou de sexo para o ser humano, também não deve-se ter um padrão de relacionamento. Quando essa padronização acontece, abre-se oportunidade para que o capacitismo atue, pois identifica-se um relacionamento de uma pessoa com deficiência como fora do padrão, inadequado.

Neste ponto fica claro o processo de desativação sofrido pelas pessoas com deficiência apresentado por Piccolo (2012), pois tais frases evidenciam o não reconhecimento do outro nessa sociedade, demonstrando uma cultura de corponormatividade dominante e pungente. Essa postagem nos remete também à formação imagética sobre corpo e sexualidade apresentada por Louro (2013) para quem existe uma noção singular, padronizada de sexualidade, isto é um padrão de relacionamento e o afastamento desse padrão significa tornar-se excêntrico.

Dentre os comentários, vê-se diversos usuários concordando com a influenciadora, contando experiências pessoais, rechaçando as frases apresentadas nas imagens e relatando outras frases que esses usuários também já escutaram, conforme a Figura 5. Isso revela um

alinhamento de experiências da influenciadora com os seus seguidores, gerando uma identificação do público com o perfil, fazendo com que os laços entre esses atores, citados por Breiger (1974 apud RECUERO, 2014), se fortaleçam.

Figura 5 - Compilado de comentários feitos na publicação sobre relacionamento de pessoas com deficiência do dia 10 de maio



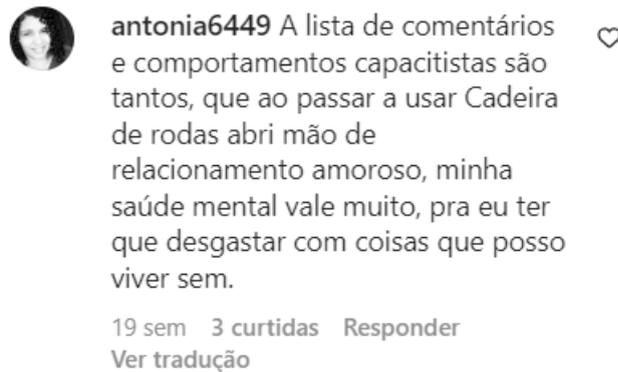
Fonte: Comentários do perfil @janeladapatty no Instagram compilados pelo autor²⁰.

Outra análise importante é feita a partir do comentário apresentado na Figura 6, onde uma usuária afirma que o capacitismo exercido através de comentários como os exemplificados na publicação, fez com que ela desistisse de ter um relacionamento amoroso. Isto, além de exemplificar como o preconceito atua sobre as pessoas com deficiência, vai ao encontro da fala de Patrícia quando afirma que para esses sujeitos é mais difícil ter um relacionamento amoroso ou sexual, pois é necessário que o parceiro ou parceira conheça

²⁰ Montagem feita a partir de comentários coletados pelo autor na publicação de 10 de maio, do perfil @janeladapatty no Instagram. Compilado em 21 set. 2022.

muito bem o seu corpo e suas particularidades e saiba como lidar com as situações que se apresentam no cotidiano, e, então, o desinteresse pela busca da informação desestimula a prática.

Figura 6 - Comentário de usuária feito na publicação sobre relacionamento de pessoas com deficiência do dia 10 de maio



Fonte: perfil @janeladapatty no Instagram²¹.

Já a segunda publicação, sobre empoderamento sexual (Figura 7), feita em 9 de março, apresenta seis casos em que é “permitido” tocar no corpo de uma mulher com deficiência. Ao todo são oito imagens com uma legenda de apoio que segue abaixo da figura. O conteúdo registrou 419 curtidas, 20 comentários, 172 compartilhamentos, 37 salvamentos, levando 12 novos seguidores para o perfil e contabilizando 660 interações.

Figura 7 - Publicação com o assunto empoderamento sexual de pessoas com deficiência



Fonte: perfil @janeladapatty no Instagram²².

²¹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CdYP0oyOVAq/>> Acesso em 11 set. 2022

²² Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Ca4li3KONO2/>> Acesso em 11 set. 2022

Ainda aproveitando a semana da mulher vamos falar sobre toques sem permissão ou inconvenientes em nossos corpos. Mas, o post alcança os corpos de quaisquer pessoas, com ou sem deficiência! 😊

É impressionante a mania que alguns têm de chegar e passar a mão na cabeça da pessoa com deficiência "fazendo carinho", pegar no braço, acariciar a mão ou mesmo levantar a alcinha da blusa, assim do nada!

Uma mulher fez isso comigo quando eu estava esperando uma consulta médica. Entendo, DE VERDADE, que foi para ajudar, mas levei um susto!

Já está mais do que na hora do povo entender que precisa perguntar antes de tocar o corpo de uma pessoa, QUALQUER PESSOA, mas... sobretudo de uma mulher por sermos mais vulneráveis socialmente.

Que precisa OFERECER ajuda (E não ficar chateado (a) se ela for recusada), e não sair ajudando por supor que a pessoa "com certeza" quer e precisa ser ajudada.

É importante que fique claro que nossos corpos não são propriedades públicas e merecem o mesmo respeito que os outros corpos.

Por isso, somente em seis casos você deve nos tocar. Passe o dedinho aí para o lado para conferir 😊

É isso, sem a nossa permissão... NÃO! NÃO! NÃO! NÃO! 💪

Este post contribui é de utilidade pública. Sendo assim, não deixe de compartilhar com seus amigos e no stories. Ajude na luta contra o machismo e o capacitista, ok? 😊

Obs: esta publicação contém texto alternativo.

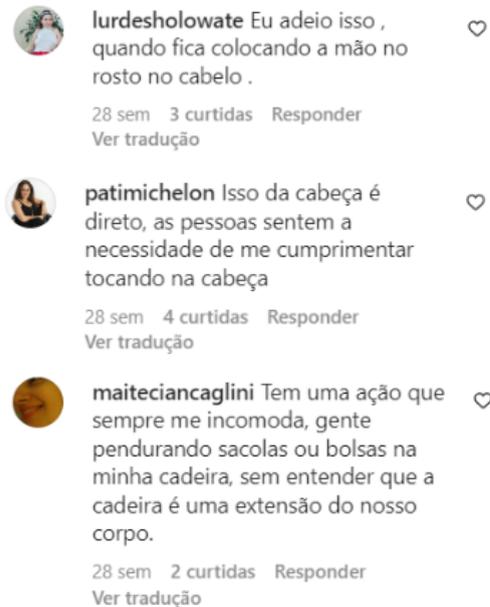
Neste conteúdo também se observa uma retomada de alguns argumentos de Patrícia na entrevista. O primeiro deles em relação às perspectivas de gênero, pois segundo a influenciadora, as mulheres com deficiência sentem-se mais vulneráveis ao toque do que os homens, principalmente se for um toque sem consentimento. Outra relação que se pode fazer entre as falas da criadora de conteúdo e o texto da publicação refere-se a infantilização dos adultos com deficiência, pois, como visto no texto da Figura 7, a sociedade acredita que por ser uma pessoa com deficiência, principalmente as que utilizam de alguma tecnologia de auxílio como cadeira de rodas, bengala ou muleta, que esse indivíduo necessita de ajuda ou suporte, ou seja, pressupõe-se que a pessoa com deficiência não tem autonomia.

Importante destacar a perspectiva de gênero contida nesta postagem. O conteúdo está amparado nas relações de poder apresentados por Weeks (2010) sobre a temática, que referem a pretensa superioridade do masculino sobre o feminino historicamente constituído.

Quanto aos comentários, também destacam-se textos de apoio ou concordância com o conteúdo da publicação, como pode ser visto na Figura 8, e, assim como na primeira

publicação analisada, nota-se o cuidado da influenciadora em responder ou interagir com todos os comentários, demonstrando dedicação de tempo ao perfil e a preocupação em manter o diálogo aberto com seus interlocutores.

Figura 8 - Compilado de comentários feitos na publicação sobre empoderamento sexual do dia 9 de março



Fonte: Comentários do perfil @janeladapatty no Instagram compilados pelo autor²³.

Na terceira publicação, com o assunto paternidade/maternidade (Figura 9), feita em 29 de janeiro, observa-se uma charge de Ricardo Ferraz sobre o tema, com uma mãe em uma cadeira de rodas sofrendo capacitismo, seguida da legenda. O conteúdo registrou 697 curtidas, 22 comentários, 111 compartilhamentos, 34 salvamentos, levando dois novos seguidores para o perfil e contabilizando 866 interações.

²³ Montagem feita a partir de comentários coletados pelo autor na publicação de 9 de março, do perfil @janeladapatty no Instagram. Compilado em 21 set. 2022.

Figura 9 - Publicação com o assunto paternidade/maternidade de pessoas com deficiência



Fonte: perfil @janeladapatty no Instagram²⁴.

Enquanto para a mulher sem deficiência primeiro pensam em sexo convencional, com penetração, para a mulher com deficiência não é assim 😞

Tratam a vida sexual das mulheres com deficiência como se a sexualidade não existisse ou o tesão fosse diminuído pela deficiência. O que é um tremendo engano!

Por desconhecimento criam inúmeros mitos e passam a ter ideias erradas dessas mulheres, que são tão mulheres quanto às outras. Diga-se de passagem! Geralmente acham que são assexuais, intocáveis, frágeis, inocentes, que não têm como decidir se querem ou não fazer sexo.

Muitas vezes, ao se depararem com uma mulher com deficiência grávida, a primeira pergunta que fazem é: "Quem será que fez isso com ela"? Como se, por ter deficiência, a gravidez fosse necessariamente fruto de estupro ou de um ato tremendamente cafajeste. Não se pensa que ela pode simplesmente ter escolhido transar como todo mundo ou ter planejado a maternidade!

A sociedade teima em não relacionar sexo e deficiência. Geralmente, não entendem que a sexualidade é inerente A TODO SER HUMANO. Portanto, inerente à mulher com deficiência também.

Inclusive, de acordo com a ONU, os direitos sexuais são considerados direitos humanos e o Ministério da Saúde apoia as mulheres com deficiência dizendo que elas têm direito a: "Vivenciar livremente a sexualidade sem medo, vergonha, violência e discriminações".

Diz aqui para mim... Você consegue vivenciar sua sexualidade livremente? Você que é mãe com deficiência quando engravidou enfrentou muito capacitismo?

Todas as publicações do Janela da Patty sobre sexualidade e relacionamento você encontra acessando a hashtag #sexualidadejanela

²⁴ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CZUN-qgOOiK/>> Acesso em 11 set. 2022

Obs 1: cartoon do Ricardo Ferraz

Obs 2: esta publicação contém texto alternativo.

Esse conteúdo reforça as motivações para a realização dessa pesquisa: a dissociação entre sexo e deficiência. Isto acontece pela criação de mitos sobre a sexualidade de pessoas com deficiência, como apresentado por Patrícia quando cita a influência dos papéis de gênero sobre o homem atípico; perpassa também pela aplicação de funcionalidade e corponormatividade sobre os corpos, indicado por Marco (2020), fazendo crer que o corpo da mulher com deficiência não “sirva” para gerar um feto; e, por fim, retoma também um aspecto de infantilização, como se um sujeito com deficiência não fosse capaz de criar e educar outro ser.

Em específico sobre as mães com deficiência, ainda recaí a opressão sobre o prazer, o desejo e o ato sexual, como podemos ver na charge anexada ao conteúdo (Figura 9) e também no exemplo citado por uma seguidora na Figura 10. Esta relata que o capacitismo faz com que a sociedade acredite que a mulher com deficiência não possa ser desejável, fazendo uma relação da gravidez com um ato de violência ou abuso.

Percebe-se que as pessoas com deficiência ainda permanecem no modelo hierárquico, contestado por Weeks (2010) pois seu corpo não é visto como reprodutor, isto é, a mulher com deficiência continua sendo vista como inferior ao homem em um modelo focado no seu ciclo reprodutivo.

Figura 10 - Compilado de comentários feitos na publicação sobre paternidade/maternidade do dia 29 de janeiro



Fonte: Comentários do perfil @janeladapatty no Instagram compilados pelo autor²⁵.

O quarto conteúdo, sobre sedução e desejo (Figura 10), feito em 7 de janeiro, apresenta uma imagem com uma figura feminina seduzindo uma pessoa que utiliza cadeira de rodas, seguida da legenda. A publicação registrou 623 curtidas, 42 comentários, 137 compartilhamentos, 53 salvamentos, levando 20 novos seguidores para o perfil e contabilizando 875 interações.

²⁵ Montagem feita a partir de comentários coletados pelo autor na publicação de 29 de janeiro, do perfil @janeladapatty no Instagram. Compilado em 21 set. 2022.

Figura 11 - Publicação com o assunto sedução e desejo



Fonte: perfil @janeladapatty no Instagram²⁶.

Certa vez fui procurada por uma mulher andante, apaixonada por um homem cadeirante, que não dava a menor bola a ela 🤔

A moça me perguntou como fazer para seduzi-lo. E eu disse que era para seduzi-lo como seduziria um homem sem deficiência. 🤔

Ela disse que não sabia como fazer, porque ele não sentia da cintura para baixo. Então, mencionei um dos vários mitos que rondam a sexualidade da pessoa com deficiência: O mito de que quando a pessoa perde a sensibilidade ela não sente prazer em ser tocada. GRANDE equívoco!

Devemos entender que por mais que a pessoa não tenha sensibilidade pode ser muito prazeroso ver o parceiro (a) realizando a ação de tocar ou o tesão na expressão daquele (a) que toca.

Falei para ela também não esquecer de algo fundamental... O PRÓPRIO PRAZER! 🔥🔥 Porque, é importante para qualquer pessoa perceber que a outra, com a qual está se relacionando sexualmente, está sentindo prazer também! Às vezes, isso é o que dá mais T.

Enfim, todo o corpo da pessoa com deficiência deve ser aproveitado, ainda que parte dele não seja - esteja - sensível. Na verdade todo o corpo de qualquer pessoa, né?

As pessoas precisam entender que usar cadeira de rodas - ou qualquer outra órtese ou prótese - não tem nada a ver com potencial de dar e receber prazer.

Tem diferença para alguém que não usa cadeira? Na essência, na essência mesmo, não: tesão é tesão, sedução é sedução... Tudo é uma questão de readaptar, ressignificar e de muita conversa.

²⁶ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CYboQNGrIAq/>> Acesso em 11 set. 2022

Pois, ao contrário do que pensam, sedução é um conceito aberto, plural e indefinível.

Por isso, seja você com ou sem deficiência, não se limite. Explore seu corpo, e o corpo de quem estiver com você, e conhecerá possibilidades até então inimagináveis! 😊🔥

Quer entender mais sobre a Sexualidade da pessoa com deficiência. Conheça o e-book Sexualidade e Deficiência: Esse é o assunto. Clique no link que está na bio ou chame pelo direct para pegar a chave pix 😊

Todas as publicações do Janela da Patty sobre sexualidade e relacionamento você encontra acessando a hashtag #sexualidadejanela

Obs: este post contém texto alternativo.

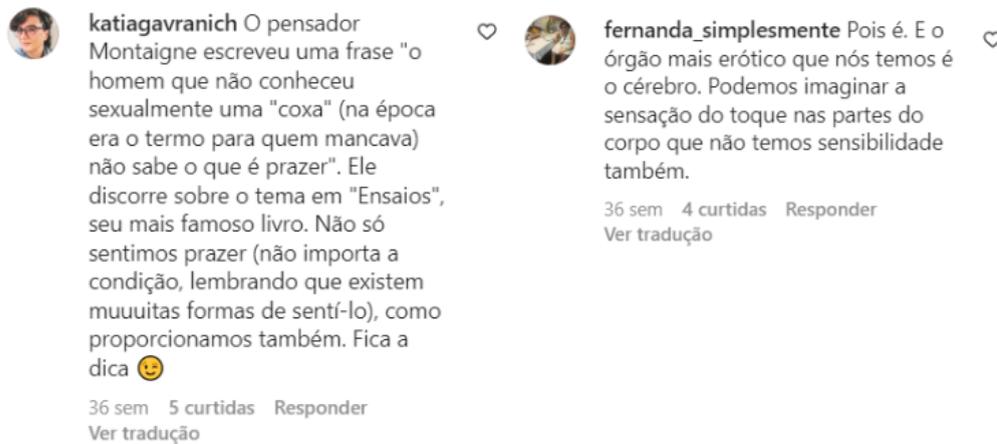
O texto desta publicação retoma as exposições de Patrícia sobre a mitificação a respeito da performatividade sexual dos homens com deficiência, principalmente sobre a falta de ereção ou a inibição do desejo. Esta forma de opressão também está relacionada aos papéis de gênero, como visto na análise dos conteúdos de empoderamento sexual e maternidade, pois impõe sobre o homem o uso da força e de movimentação; e relacionada à padronização do sexo, conforme visto na análise da primeira legenda.

Outra observação interessante a ser feita neste caso é a quantidade de interações feitas com a publicação. Apesar de não ser o texto com menos comentários, pode-se notar que poucos trazem alguma experiência pessoal, a maioria é composta por mensagens de apoio ou apenas emojis²⁷. Isto pode acontecer por se tratar de um assunto mais pessoal - o que reforçaria a ideia apresentada por Thompson (2002), que expõe que a intimidade criada entre os atores de uma rede social digital é não recíproca - ou por ter sido utilizado no texto o exemplo de um homem com deficiência - visto que a maioria do público que segue o perfil é masculino e que, segundo Patrícia, as mulheres interagem mais com as publicações.

Ainda assim, apresentam-se dois comentários (Figura 12) que concordam com as exposições da influenciadora, e ainda complementam que o desejo, a sedução e a sensibilidade também estão na imaginação, indo além do toque físico ou da movimentação corporal.

²⁷ Pictograma, ou ideograma, que transmite a ideia de uma palavra ou frase completa, muito utilizados em textos em sites de redes sociais.

Figura 12 - Compilado de comentários feitos na publicação sobre sedução e desejo do dia 7 de janeiro



Fonte: Comentários do perfil @janeladapatty no Instagram compilados pelo autor²⁸.

Por fim, a quinta publicação, sobre devotismo (Figura 13), feita em 22 de junho, apresenta 8 características dos *devotees* caçadores. Ao todo são dez imagens com uma legenda de apoio que segue abaixo da figura. A publicação registrou 491 curtidas, 70 comentários, 118 compartilhamentos, 49 salvamentos, levando 28 novos seguidores para o perfil e contabilizando 756 interações.

Figura 13 - Publicação com o assunto devotismo



Fonte: perfil @janeladapatty no Instagram²⁹.

²⁸ Montagem feita a partir de comentários coletados pelo autor na publicação de 7 de janeiro, do perfil @janeladapatty no Instagram. Compilado em 21 set. 2022.

²⁹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CfG8nMquiM1/>> Acesso em 11 set. 2022

Antes de começarmos a falar sobre devotes caçadores quero dizer que, POR MAIS QUE ESPANTE ALGUNS, nem todos os devotes são desse tipo. Felizmente há exceções no meio virtual e real 🙏

Devotes são homens ou mulheres, COM ou SEM deficiência, de qualquer orientação sexual, que têm atração por pessoas ADULTAS (Eles não são pedófilos) com deficiência.

De acordo com documentário Americano mais de 99% dos devotes se sentem atraídos por pessoas com DEFICIÊNCIA FÍSICA. Raros são os relatos dos que se sentem atraídos por pessoas cegas, surdas, por exemplo.

O devotismo é considerado uma parafilia (padrão de comportamento sexual em que o “desvio” se dá no objeto do desejo, ou seja, no tipo de parceiro (a) que foge do padrão socialmente aceito como “normal”).

Se você quiser aprofundar o assunto acesse a hashtag #devoteismoedeficienciajanela ou adquira o e-book Sexualidade e Deficiência 2: O assunto continua. Acesse o link da bio ou chame por direct 😊

Bom, geralmente, classificamos os devotes de algumas maneiras. Mas, escolhi falar dos caçadores porque são esses os que temos maiores contatos na internet e que tanta besteira fazem 🤔🤔

Meu conselho é que você, após constatar que a abordagem foi feita por um DEVOTEE CAÇADOR evite contato, porque você pode se machucar e ainda terá que lidar com toda importunação que eles proporcionam.

Estudo devotismo há quase 15 anos e tenho vivências como mulher com deficiência que sou e também através do estudo da Saúde Mental (Sou pós-graduada em Saúde Mental e Atenção Psicossocial) e percebo que a maioria dos Devotes Caçadores são homens, acredito que pela influência também do machismo 💔😞

E que, geralmente, devotes caçadores apresentam transtorno parafilico, que é quando a parafilia (o desejo) vira doença fugindo do controle e trazendo prejuízos à própria pessoa e a terceiros.

Caso não seja um devotee caçador, não precisa ter medo ou receio de conversar.

"Ah, Patty, mas eles só querem saber da minha deficiência".

Sim, É VERDADE, que a atração inicial é pela deficiência, mas para a barreira PCD/DEVOTEE ser ultrapassada para um possível relacionamento amoroso ou de amizade precisa-se de algo mais, como em qualquer outro relacionamento. Só ter deficiência não basta! 😊

Inclusive, muitas pessoas com deficiência ficam frustradas quando o devotee diz que não sente mais atração por ela após conhecê-la melhor. Sim, se for um devotee saudável isso acontece e já vi acontecer 🤔

Enfim... o assunto é complexo e polêmico.

Diz para mim... você já tinha ouvido falar sobre devotismo? Já teve contato com algum pela internet? Como é essa questão para você?

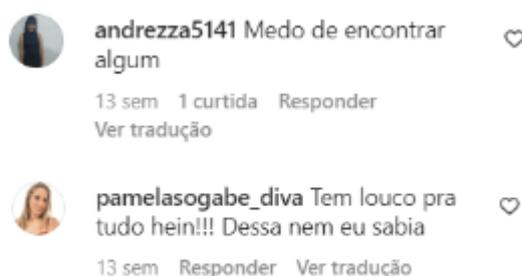
Terá caixinha de perguntas sobre devotismo rolando no stories. Passe lá e deixe sua pergunta 😊

Obs: esta publicação contém texto alternativo.

Esse conteúdo, como já exposto por Patrícia, faz parte do assunto mais complexo de abordar no perfil. Esta publicação em específico gerou comentários com as mais diversas opiniões, principalmente por tratar de *devotees* caçadores, que, como visto no texto, são sujeitos que apresentam um transtorno parafilico, ou seja, o desejo deixa de ser fetiche e vira doença.

Por conta disso, mesmo com a explicação do termo e esclarecimentos sobre a parafilia feitos na legenda, ainda assim surgem comentários capacitistas, vide Figura 14. É importante ressaltar que o sujeito devotee que não é caçador, não-doente, possui um desejo como qualquer outro, tal qual o desejo por bunda e pés explicado pela influenciadora na entrevista, não devendo sofrer opressão por isso.

Figura 14 - Compilado de comentários capacitistas feitos na publicação sobre devotismo do dia 22 de junho

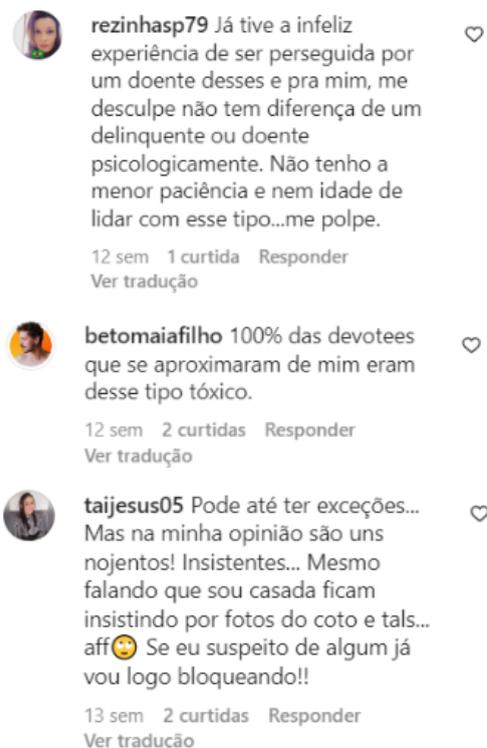


Fonte: Comentários do perfil @janeladapatty no Instagram compilados pelo autor³⁰.

Dentre os comentários capacitistas sobre devotismo, também encontram-se vivências e experiências. Nesses casos pode ser compreensível que os sujeitos que passaram por algum tipo de perseguição ou experiência ruim com devotees relatem de forma incisiva o acontecido, conforme visto na Figura 15. Porém pode-se notar que dentro da comunidade de pessoas com deficiência também existe opressão, pois no primeiro comentário da figura a usuária compara “delinquentes” com pessoas com doenças psicológicas.

³⁰ Montagem feita a partir de comentários coletados pelo autor na publicação de 22 de junho, do perfil @janeladapatty no Instagram. Compilado em 21 set. 2022.

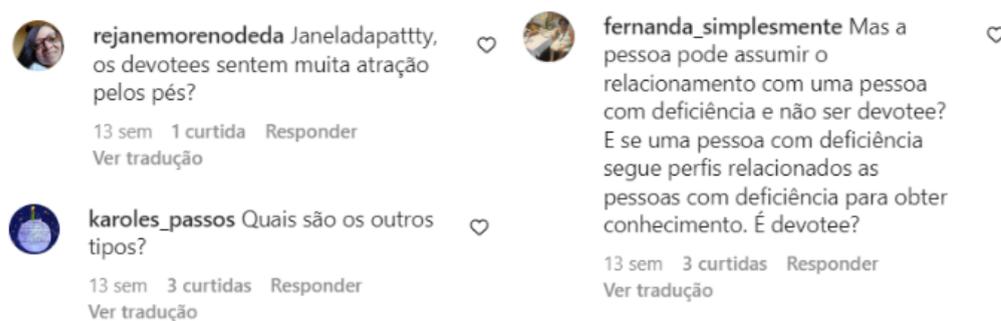
Figura 15 - Compilado de experiências relatadas na publicação sobre devoteísmo do dia 22 de junho



Fonte: Comentários do perfil @janeladapatty no Instagram compilados pelo autor³¹.

Por fim, há também comentários que expõem dúvidas sobre a temática (e são respondidos por Patrícia), demonstrando que há o interesse e a busca de informação sobre o assunto, sendo essas ferramentas primordiais para o combate ao capacitismo e demais preconceitos.

Figura 16 - Compilado de dúvidas expostas na publicação sobre devoteísmo do dia 22 de junho



Fonte: Comentários do perfil @janeladapatty no Instagram compilados pelo autor³².

³¹ Montagem feita a partir de comentários coletados pelo autor na publicação de 22 de junho, do perfil @janeladapatty no Instagram. Compilado em 21 set. 2022.

³² Montagem feita a partir de comentários coletados pelo autor na publicação de 22 de junho, do perfil @janeladapatty no Instagram. Compilado em 21 set. 2022.

Considerando todos os conteúdos debatidos, pode-se retomar Piccolo (2012) que defende que nenhum fenômeno social, incluindo a deficiência e o capacitismo, existe de maneira independente da prática discursiva, portanto quando resolvidas todas as barreiras arquitetônicas, sociais, metodológicas, programáticas e instrumentais, ainda assim existirão barreiras linguísticas e comunicacionais. Isto fica evidente nesta pesquisa, visto que todas as publicações analisadas apresentam texto informativo e educativo, de forma a conscientizar a sociedade sobre a temática de sexualidade e deficiência.

Por fim, no próximo capítulo retomam-se o problema e os objetivos de pesquisa para que se possa dar encaminhamento aos questionamentos apresentados, mapear novas possibilidades que conduzem às considerações finais deste estudo.

6 ABRINDO OUTRAS JANELAS

Após construir olhares e leituras e admirar os horizontes da pesquisa, parte-se para a consolidação dos resultados obtidos e posteriormente para uma busca de novas problemáticas.

Objetivava-se com este trabalho *compreender as possíveis interferências da geração de conteúdo sobre sexo e deficiência no Instagram na percepção de corpo e performatividade da sexualidade de pessoas com deficiência, utilizando como objeto de estudo o perfil @janeladapatty no Instagram*. Para alcançar este propósito, foram definidos três objetivos específicos.

Quanto ao primeiro objetivo específico, de *(a) investigar a percepção da criadora do perfil sobre a temática de sexualidade e percepção de corpo de pessoas com deficiência, fica evidente com a entrevista e conteúdo gerado por Patrícia, seu posicionamento sobre corpo e sexualidade de pessoas com deficiência. A influenciadora defende que a sexualidade não está só no ato sexual, e sim no afeto, na conversa, na imaginação, no contato, na sedução, e isso independe da deficiência. O que se diferencia no caso dos sujeitos dessa comunidade é: primeiramente o processo de autoconhecimento do corpo e da sexualidade, que pode ser tardio devido a falta de incentivo baseada no capacitismo; também o processo de empoderamento sobre o tema, para que a pessoa com deficiência sinta-se a vontade para conversar sobre seus desejos e fetiches e compartilhar com o outro as particularidades da sua performatividade e do seu corpo; e em terceiro lugar uma “normalização”, uma nova ótica da sociedade sobre o sujeito com deficiência, onde ficam escanteados a infantilização, a superproteção e a invisibilização, reconhecendo esse como um ser social, cultural e sexual.*

O segundo objetivo específico, de *(b) analisar a produção de conteúdo do perfil sobre esta temática*, sugeriu uma análise da produção de conteúdo sobre a temática no perfil. Essa compreensão permitiu identificar um conteúdo rico em detalhes, informação, sensibilização e conhecimento sobre corpo e sexualidade de pessoas com deficiência. A partir das imagens e textos produzidos, pode-se ver o empoderamento e a humanização do conteúdo, onde vê-se a criadora aberta ao diálogo e à troca de experiências, características importantes em sua formação. Tecnicamente também é um conteúdo potente, pois utiliza-se diferentes tipos de formatos, interações e conexões entre os atores da rede, sendo inclusive potencialmente comercial. Além da variedade de formatos também se apresenta uma variedade de assuntos, que só dentro da temática de sexualidade foram mapeados em cinco: empoderamento sexual,

paternidade e/maternidade, devotismo, relacionamentos sexuais e/ou amorosos e sedução e desejo. Mas ainda se aplicam também a conscientização sobre direitos, comunicação e cidadania, essenciais para a vida em sociedade.

Apesar disso, ainda é necessária uma abertura social para o consumo desse tipo de conteúdo e de outros influenciadores sobre o tema, deixando alguns questionamentos como: porque a métrica de seguidores ainda é menor comparada a outros influenciadores com deficiência que não abordam a sexualidade? Existe alguma abertura do próprio Instagram no sentido de potencializar o conteúdo e os influenciadores dessa temática? Qual o limite entre a profundidade do conteúdo, o uso técnico da plataforma e a recepção cultural do tema?

Já o terceiro objetivo era (c) *investigar pontos de contato entre o conteúdo publicado e a percepção do público e da criadora do perfil sobre a sexualidade/corpo de pessoas com deficiência*. Nesse sentido identificam-se muitos pontos de contato, de forma a se considerar que um produz ao outro, ao mesmo tempo que o público se informa, educa e produz-se sobre sua performatividade, a influenciadora produz e recebe informações e experiências, reconstruindo o seu *self*. Ou seja, há uma simbiose entre os atores, produzindo coletivamente a respeito de corpo e sexualidade de pessoas com deficiência e interagindo.

No entanto, questiona-se o quanto esta simbiose ainda está incubada, pois como informado pela influenciadora e identificado nos comentários das publicações, a maioria das trocas ainda são entre pessoas com deficiência. Fica a incerteza se ainda é necessária esta incubação, para que os indivíduos se produzam, se empoderem e então comuniquem e compartilhem fora da comunidade, ou se uma visibilidade maior sobre o perfil, uma explanação e divulgação do que ocorre nesta rede, facilitaria o acesso à informação, o conhecimento a quebra de paradigmas e preconceitos para que então não fosse mais necessário esse empoderamento, chegando à naturalização da temática.

Com isto, fica posta a consideração de que *a geração de conteúdo sobre sexo e deficiência nas redes sociais interfere na percepção de corpo e na performatividade da sexualidade de pessoas com deficiência*, a partir do momento em que considera-se uma “autoformação conjunta” de atores que a partir do seus posicionamentos em uma rede e dos nós e interações criados, se produzem, se empoderam e se reconhecem como pessoas, sociais, culturais e sexuais, com deficiência.

Por fim, ficam abertas possibilidades e, principalmente, desejos de novas pesquisas sobre a temática, que saciem a sede por conhecimento do pesquisador e busquem elucidar a respeito: da responsabilidade da comunicação social na produção de sujeitos diversos; da potencialidade das relações públicas sob a produção da cultura da diversidade e inclusão nas organizações; e sobre o papel das instituições de publicidade na publicização de um ideal de corponormatividade e heteronormatividade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Jéferson. **“Eu vou morar nesse metrô, querido, porque aqui eu não sou deficiente”**: interação social das Pessoas com Deficiência em ambientes universitários e suas implicações nos seus modos de subjetivação. 2020. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.
- ALVES, J.; GOMES VICTORA, C. Corpo deficiente e técnicas de si na pandemia. **Vivência: Revista de Antropologia**, v. 1, n. 58, 21 dez. 2021.
- BANDEIRA, Keiliane de Lima. **"Quando eu nasci, eu era o anjo torto e repetia pra mim: “não vou ser gauche na vida”** - um estudo sociológico sobre gênero e deficiência. 2021. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém do Pará, 2021.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- BORTOLINI, Elisa. **Deficiência visual, corporeidade e tecnologia**: um estudo sobre a construção da imagem corporal e a expressão da sexualidade por pessoas com deficiência visual em ambientes virtuais. 2014. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social: Habilitação em Relações Públicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- BRASIL. Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acessado em: 30 jul. 2022.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 151-172.
- BUITTONI, Dulcilia Schroeder. **Fotografia e jornalismo: a informação pela imagem**. São Paulo: Saraiva, 2011.
- CASTELLS, M. **Sociedade em Rede: A Era da Informação: Economia, sociedade e Cultura**. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2012. Vol. I.
- COSTA FILHO, José Andrade. **Sexualidade no contexto da paraplegia**: um estudo das representações sociais. 2017. 167 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.
- DALMONTE, Edson Fernando. Novos cenários comunicacionais no contexto das mídias interativas: o espalhamento midiático. **Revista Famecos**, [S.L.], v. 22, n. 2, p. 99-114, 1 jun. 2015. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/19729>. Acesso em: 30 ago. 2022.

DIAS, Adriana. Por uma Genealogia do Capacitismo: da eugenia estatal à narrativa capacitista social. In Simpósio Internacional de Estudos sobre Deficiência, 2º, **Anais eletrônicos**. São Paulo, 2013. p. 1-14.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência?** São Paulo: Brasiliense, 2007.

DI FELICE, Massimo (org.). **Do público para as redes**: a comunicação digital e as novas formas de participação social. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2008. 1 v.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p.62-82.

ELLISON, Nicole. B; BOYD, Danah. M. Sociality through social network sites. In: DUTTON, William H.. **The Oxford handbook of internet studies**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 151-172.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes et al (org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 30-42.

GONÇALVES, Sandra. Corpo e salvação contemporânea. **Verso e Reverso**, Porto Alegre, ano XXIII, v. 23, ed. 53, 17 jun. 2010. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/5776>. Acesso em: 3 abr. 2022.

JANONE, Lucas; ALMEIDA, Pauline. Brasil tem mais de 17 milhões de pessoas com deficiência, segundo IBGE. **CNN Brasil**, Rio de Janeiro, 26 ago. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/noticias/brasil-tem-mais-de-17-milhoes-de-pessoas-com-deficiencia-segundo-ibge/>. Acesso em: 28 mar. 2022

JOHNSON, Telma. **Pesquisa social mediada por computador**: questões, metodologia e técnicas qualitativas. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 35-82.

KEMPE, David; KLEINBERG, Jon; TARDOS, Éva. Influential Nodes in a Diffusion Model for Social Networks. **Automata, Languages And Programming**, [S.L.], v. 3580, n. 1, p. 1127-1138, jan. 2005. Springer Berlin Heidelberg.

LANNA JÚNIOR, M. C. M.; AMARAL, D. G. (Org.); MAIA, M. B. (Org.); PIMENTA, E. C. (Org.) ; MOREIRA, C. M. R. (Org.). **História do movimento político das pessoas com**

deficiência no Brasil. 1. ed. Brasília: Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010. v. 1. 472p .

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 07-34.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira Lopes et al (org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 43-53.

LUIZ, Karla Garcia. **Investigando fotografias de pessoas com deficiência nas capas da revista Sentidos (2008 – 2013)**. 2015. 200f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2015.

MARCO, Victor di. **Capacitismo: o mito da capacidade**. Belo Horizonte: Letramento, 2020. 82 p.

McRUER, Robert. **Crip Theory: cultural signs of queerness and disability** Nova Iorque: New York University Press, 2006.

MELLO, Anahí Guedes de. **Gênero, deficiência, cuidado e capacitismo: uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violências contra mulheres com deficiência**. 2014. 260f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

MOSSERI, Adam. Explicando melhor o funcionamento do Instagram. **Instagram**, 08 jun. 2021. Disponível em: <https://about.instagram.com/pt-br/blog/announcements/shedding-more-light-on-how-instagram-works>. Acesso em: 12 set. 2022.

NUNES, C. A. **Desvendando a sexualidade**. 7. ed. Campinas: Papyrus, 2005.

OLIVEIRA, Everton Luiz de. **“Pô, tô vivo, véio!”: história de vida e sexualidade de pessoas com deficiências físicas**. 2016. 180 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

PETRY, Alana. **Deu match: os aplicativos de relacionamentos virtuais e as pessoas com deficiência física**. 2018. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social, Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2018

PICCOLO, Gustavo Martins. **Contribuições a um pensar sociológico sobre a deficiência**. 2012. 1 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

PICCOLO, Gustavo Martins; MENDES, Enicéia Gonçalves. Contribuições a um pensar sociológico sobre a deficiência. **Educação & Sociedade**, [S.L.], v. 34, n. 123, p. 459-475, jun. 2013. FapUNIFESP (SciELO).

PINTO, Cintia Karoline Lima; RIOS, José Riverson Cysne. Marketing digital: análise do Instagram de Whinderson Nunes. Artigo. Intercom. **XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**, Fortaleza, 2017.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador**: Comunicação, Cibercultura, Cognição. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

SENEM, Cleiton José; CARAMASCHI, Sandro. Concepção de sexo e sexualidade no ocidente: origem, história e atualidade. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, v. 49, p. 166 - 189, 12 dez. 2017. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/6420>>. Acesso em: 24 abr. 2022.

STUMPF, Ida Regina. Pesquisa bibliográfica. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p.51-61.

THOMPSON, John B, **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

VOLPATO, Bruno. Ranking: As redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2022, com insights e materiais. **Resultados Digitais**, 23 mai. 2022. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil>. Acesso em: 12 set. 2022.

APÊNDICE A - AUTORIZAÇÃO DE UTILIZAÇÃO DE INFORMAÇÕES



FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
GERÊNCIA ADMINISTRATIVA
SETOR ACADÊMICO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC AUTORIZAÇÃO DE UTILIZAÇÃO DE INFORMAÇÕES

Nome completo da entrevistada: Patrícia Ferreira Lorete

Documento de identidade: XXXXXXXXXX

Autorizo o estudante Rodrigo Vaz da Silva, regularmente matriculado no Curso de Relações Públicas da Faculdade de Biblioteconomia de Comunicação/UFRGS, sob o número 00301197, a utilizar as informações por mim prestadas na elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Ame cada corpo” - As percepções de corpo e performatividades de sexualidade de pessoas com deficiência a partir da perspectiva da produtora e dos consumidores dos conteúdos gerados no perfil @janeladapatty no Instagram, e elaborado sob a orientação da Profa. Dra. Ana Cristina Cypriano Pereira.

Fui esclarecida sobre a natureza do trabalho e que as informações coletadas serão utilizadas com fins exclusivamente acadêmicos.

Porto Alegre, 20 de agosto de 2022.

Assinatura da entrevistada

APÊNDICE B - ROTEIRO DA ENTREVISTA

SOBRE A PATRÍCIA

1. Quem é a Patrícia Lorete e quem é a Patty? Conte um pouco sobre você. (de patty para patty, post em abril).
2. Como a comunicação surgiu na sua vida?
3. Como você se coloca dentro da militância e do movimento de pessoas com deficiência hoje?
4. Como é a rotina de influenciadora dentro dessa temática?

SOBRE CORPO E SEXUALIDADE

5. Na sua perspectiva, o que é sexualidade?
6. Como esse tema surgiu na sua vida?
7. Você acha que a sua deficiência impactou a descoberta da sua sexualidade? Se sim, como?
8. Existe uma diferença entre a performatividade de sexualidade de pessoas com e sem deficiência? (explicar o termo)
9. Como foi o seu processo de descoberta do corpo?
10. Qual sua opinião sobre a percepção de corpo de pessoas com deficiência?
11. Quais as maiores dificuldades como pessoa com deficiência em relação a sua sexualidade?

SOBRE O CONTEÚDO DO PERFIL E O PÚBLICO

12. Como surgiu a ideia do perfil @janeladapatty?
13. De onde surgem as inspirações para os posts sobre o tema?
14. Como você organiza as postagens do perfil? Você tem alguma equipe que lhe auxilia no conteúdo ou criação?
15. Existe alguma divisão de temas? Quais os temas mais complexos de abordar?
16. Você tem o costume de analisar o perfil do público?
17. Como você classifica a aderência do seu público aos temas?
18. Quais temas têm mais engajamento?
19. Existe alguma diferença de engajamento da postagem para o público PCD e não PCD?
20. Você destaca algum(ns) comentário(s) em seus posts sobre sexualidade?
21. Quais os principais preconceitos sobre a temática da sexualidade que você já observou nas postagens sobre o assunto?